

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

PROGRAMA DE ESTUDOS PÓS-GRADUADOS EM PSICOLOGIA
EXPERIMENTAL: ANÁLISE DO COMPORTAMENTO

Um estudo sobre relações entre o dizer e o fazer: algumas variáveis que operam no controle do planejamento de sessões terapêuticas.

Moema Galindo de Almeida Pinto

PUC/SP
São Paulo
2007

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

PROGRAMA DE ESTUDOS PÓS-GRADUADOS EM PSICOLOGIA
EXPERIMENTAL: ANÁLISE DO COMPORTAMENTO

Um estudo sobre relações entre o dizer e o fazer: algumas variáveis que operam no controle do planejamento de sessões terapêuticas.

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE em Psicologia Experimental: Análise do Comportamento, sob a orientação da Profª. Dr. Roberto Alves Banaco.

PUC/SP
São Paulo
2007

Banca Examinadora

Autorizo, exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta teste por processos de fotocopiadoras ou eletrônicos.

Assinatura: _____ Local e data: _____

AGRADECIMENTOS

São tantas as pessoas que participam de um trabalho assim, que acho que nem sabem o quanto foram importantes, até mais, acho que necessários para que se consegue chegar até aqui. Não dá pra citar todos que de alguma forma, alguma vez durante algum momento, estiveram ao meu lado, a toda minha família e todos aos meus amigos, muito obrigada. Mas existem alguns que não posso deixar de citar porque estiveram diretamente ligados a mim durante todo esse tempo, vou citá-los conforme vocês foram aparecendo nesse caminho:

A Deus, que em tantas horas fomos apenas nós dois...

Ao meu pai, primeiro pela paciência, pela oportunidade, mas principalmente por ter acreditado em mim...

A minha mãe, obrigada pelo carinho em cada detalhe, sempre me mandando um pedacinho de casa...

A Amália, a Téia e Nilza, por contribuírem para a minha formação acadêmica, e ensinarem mais do que “conhecimento”, ensinarem paixão pelo que se faz.

A tia Vera e Aymara, por tantas traduções... fossem elas onde fossem, em Curitiba, em São Paulo, na praia ou por sedex, nunca vou conseguir agradecer o suficiente...

A Rossana, ao Tônico, a Amanda e ao Antônio e André, por me acolherem, literalmente, quando fiquei sem teto, pelo quarto dividido... Pelo carinho como fui recebida, nada como saber que não se está sozinha.

Ao meu orientador, Roberto Banaco, sempre ao meu lado, pra tudo que aconteceu... A paciência, a confiança, aos feriados... e o carinho com que sempre me recebeu. Um aprendizado para minha formação acadêmica muito especial...

A minha irmã, que perdeu seu feriado traduzindo um texto escaniado que mal se conseguia enxergar.

A tia Ipê, pela companhia constante durante todos esses anos.

Ao Beto Simões, pelas horas de carinho e paciência, para passar alguns domingos lendo textos...

A “Pão de Ló” (Fábio e Guto), que sempre estava disponível para imprimir qualquer coisa, de “VLS” à qualificação.

A Carol Perroni, que foi mais que uma colega, descobri uma amiga que além de me levar passear e tornar mais gostosa e melhor minha vida aqui em São Paulo, ainda tinha paciência pra ler tudo o que eu te pedia, e discutir. Três parágrafos seriam poucos!

Ao meu “sujeito”, ou melhor, “participante”, que deixou eu gravar suas sessões. Não é qualquer um que confia no seu trabalho a ponto de abrir a uma pessoa desconhecida, se expondo dessa maneira, só ai já tem a minha admiração e o meu carinho. E a sua cliente, que permitiu que suas sessões fossem gravadas, compartilhando assim sua vida com uma total desconhecida.

A Lucimar, pelo carinho com que sempre tratou a mim e ao meu gravador... deixando-me tranqüila quanto a segurança dos meus dados.

A Giulia, a Adriana e ao Fábio, que além de muitas horas de descontração, me emprestaram um computador quando o meu “morreu” e eu não podia ficar sem um, vocês não sabem o quanto isso significou pra mim...

A Tati Medina e a Ju Cardoso, amigas de verdade. Por conseguirem sempre estar ao meu lado, mesmo que tão distantes...

A Carla Gabas por tantas horas gostosas, me animando sempre... quando se está sozinha em uma cidade estranha também é preciso relaxar...

A Regina Wielenska e a Maly Delitti, disponibilidade com que me trataram neste caminho, a atenção com que leram meu trabalho obrigada.

As minhas incansáveis “observadoras”, Carolina, Josy, e Renata. Amigas são importantes para conseguir relaxar depois de tantas horas na frente de um computador, amigas que ainda por cima se dispõe a serem suas observadoras, e passam o final de semana discutindo seus resultados com você... são fundamentais.

Ao Du, obrigado simplesmente por ter participado da minha vida, não tem como te esquecer...

*Para meu pai,
a quem serei eternamente grata*

SUMÁRIO

Lista de Figuras	vii
Lista de Tabela	viii
Resumo	ix
<i>Abstract</i>	x
INTRODUÇÃO	01
Relato verbal.....	03
Correspondência entre dizer e fazer.....	11
MÉTODO	22
Participantes.....	22
Local.....	22
Equipamento e material.....	22
Procedimento.....	23
Contato com os participantes.....	23
Delineamento do estudo.....	23
RESULTADOS	31
DISCUSSÃO	41
Correspondência entre o dizer e o fazer.....	41
Delineamento de base múltipla.....	42
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	49
ANEXOS	52

Lista de Figuras

- Figura 1.** Porcentagem de correspondência encontrada em cada entrevista realizada pela pesquisadora.....34
- Figura 2.** Porcentagem de correspondência de conteúdo encontrada, e também porcentagem total de relatos que apresentaram correspondência e não correspondência na entrevista 3 realizada pela pesquisadora.....35
- Figura 3.** Porcentagem total de correspondência e não correspondência encontrada em cada uma das quatro entrevistas realizadas pela pesquisadora.....36
- Figura 4.** Quantidade de correspondência encontrada (parcial e funcional) nas entrevistas realizadas pela pesquisadora.....37
- Figura 5.** Porcentagem de tipo de correspondência de comportamento futuro, e correspondência futura x não correspondência encontrada na entrevista 2 realizada pela pesquisadora.....38
- Figura 6.** Número de ocorrências por categorias observadas nas quinze sessões terapêuticas. A linha vertical continua indica o momento da intervenção.....40

Lista de Tabela

Tabela 1. Procedimento usado na pesquisa.....	30
--	----

Pinto, M.G.A. (2007). *Um estudo sobre relações entre o dizer e o fazer: algumas variáveis que operam no controle do planejamento de sessões terapêuticas*. Dissertação de Mestrado. Programa de Estudos Pós-graduados em Psicologia Experimental: Análise do Comportamento. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Orientador: Roberto Alves Banaco

Linha de Pesquisa: intervenção na análise do comportamento

RESUMO

O presente estudo teve como objetivo investigar a correspondência entre dizer e fazer em ambiente natural, em uma sessão terapêutica. Um segundo objetivo foi verificar se haveria alguma mudança no comportamento do terapeuta como efeito da entrevista sobre a correspondência, utilizando para isso um procedimento de linha de base múltipla. Participou deste estudo um terapeuta adulto, com 2 anos de formado, que teve de suas sessões terapêuticas gravadas em áudio e transcritas para posteriormente ser submetido a 4 entrevistas com uma média de 12 situações sobre esses critérios do comportamento do terapeuta. Três critérios selecionados a partir de manuais de psicoterapia (dois a respeito de comportamento desejáveis e um de comportamento indesejável do terapeuta) foram utilizados como alvo de cada entrevista. Selecionado o comportamento alvo para cada entrevista previamente, a pesquisadora relatava o trecho antecedente e perguntava ao terapeuta o que ele tinha feito naquela situação, e comparava as respostas relatadas com as respostas observadas. Os resultados indicam que há correspondência entre o comportamento relatado e o comportamento observado. Mostraram também que o relatar solicitado no procedimento de linha de base múltipla, melhorou o desempenho do terapeuta segundo os critérios da literatura. Os resultados são discutidos em termos de produção de correspondência verbal e de ajustes no responder que o relatar produz no desempenho.

Palavras-chave: correspondência, relato verbal., contingência, entrevista, análise de sessões terapêuticas.

Pinto, M.G.A. (2007). *Relations between saying and doing: some variables operating in the control of therapeutic sessions planning.* Master Thesis. Programa de Estudos Pós-graduados em Psicologia Experimental: Análise do Comportamento. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

ABSTRACT

The purpose of this study has been to investigate the relationship between saying and doing in natural environment, in a therapeutic session. Another aim has been to determine whether any change of behavior in the therapist would occur as result of the interview about the correspondence, employing to this effect a multiple baseline procedure. An adult therapist, two years after graduation, participated in the study, with the therapeutic sessions audio-recorded and transcribed, to be later subjected to four interviews with an average of (12) twelve situations about the criteria of behavior of the therapist. Three criteria selected from psychotherapy manuals (two concerning therapist desirable behavior and one of undesirable behavior), were used as a target of each interview. Having the target behavior for each interview been previously selected, the researcher narrated the preceding piece and inquired of the therapist what he had done in that situation, and compared the narrated responses with those observed. The results suggest that there is correspondence between narrated and observed behaviors. They have also shown that the narration requested in the procedure of multiple baselines improved the therapist performance according to the criteria of the literature. The results are discussed in terms of production of verbal correspondence and adjustments made in responding, that narration produces in the performance.

Key words: verbal report, contingency, interview, analysis of therapeutic sessions.

Skinner (1957/1978) diz que “O termo ‘comportamento verbal’ tem muitas vantagens, que lhe recomendam o uso”. A maior dentre estas é a de que o comportamento verbal pode ser analisado como qualquer outro comportamento. “Tem também a vantagem de ser relativamente pouco familiar aos modos tradicionais de explicação”. (p.16). Assim o termo não sofre a contaminação (pré-julgamento) que existem em outros termos. Como acontece com o termo linguagem, que parece descrever apenas uma parte do comportamento verbal, referente à fala, ao som que o indivíduo emite, não englobando a parte escrita, por exemplo.

No entanto, Andery (2001) diz que apesar da publicação do livro *Verbal Behavior* (Skinner, 1957/ 1978), ter sido o marco inicial na análise do comportamento para o estudo do comportamento verbal, ainda hoje muitos dos artigos publicados no *The Journal of the Experimental Analysis of Behavior* (JEAB) e no *Journal of Applied Behavior Analysis* (JABA), utilizam o conceito linguagem, “pelo menos enquanto vocabulário, um vocabulário que foi recusado, por razões conceituais e metodológicas por Skinner” (p.374).

Comportamento verbal não quer dizer simplesmente fala ou linguagem,

O termo 'fala' destaca o comportamento vocal e dificilmente pode ser aplicado a situações em que a pessoa mediadora é afetada de forma visual, como escrever um bilhete. A palavra 'linguagem' está agora satisfatoriamente afastada de suas ligações originais com o comportamento vocal.

(Skinner, 1957/1978 p.16).

Este autor propõe que comportamento verbal seja um comportamento operante típico dos seres humanos, e assim como todos os comportamentos

operantes está sujeito às leis do comportamento, podendo por elas ser analisado. No entanto, Skinner o diferencia dos outros comportamentos operantes, porque “seu primeiro efeito é sobre outros homens” (Skinner, 1957/1978 p.15), já que este tipo de comportamento modifica o meio através do comportamento de outras pessoas. “A característica definidora do comportamento verbal é a de que ele é estabelecido e mantido por reforçamento mediado por outra pessoa”. (Hübner, 2001 p.133). Esta outra pessoa a quem Hübner se referiu, com base nos escritos de Skinner, é o ouvinte, que pode ser outro indivíduo ou o próprio falante que a exercer o papel de ouvinte.

Para identificar as variáveis que atuam interação verbal entre o indivíduo e o ambiente social, é necessário descrever quais variáveis controladoras estão presentes na emissão de respostas verbais.

Dadas algumas características de variáveis controladoras de comportamentos verbais, Skinner descreveu alguns tipos de operantes verbais que os diferenciam em termos de suas funções comportamentais. Dentre eles, neste trabalho será focalizado mais especificamente o operante verbal denominado por Skinner de “tato”, que pode ser definido como uma resposta verbal sob controle de um estímulo específico não verbal, “um objeto ou evento particular, ou por uma propriedade de um objeto ou evento” (p.108), e conseqüenciada por um reforçador generalizado liberado pelo ouvinte.

O tato pode beneficiar tanto o falante quanto o ouvinte, já que o primeiro pode relatar um estado interno ao qual o ouvinte não tem acesso. Para que isso ocorra, é preciso haver correspondência com o mundo externo, e o responsável por estabelecer essa correspondência com o mundo externo,

segundo De Rose (2001), é a comunidade verbal que reforça diferencialmente o repertório de tatos no indivíduo.

Relato verbal

A importância do relato verbal se dá por ele estar presente nas interações entre os indivíduos, permitindo que estes tenham acesso a informações que não teriam de outra maneira, ou por não estarem presentes no momento do acontecimento relatado ou por se referirem a comportamentos encobertos. A pessoa pode relatar a outro indivíduo o que aconteceu a probabilidade futura de suas ações (o que ocorre quando diz o que está sentindo ou pensando).

A comunidade verbal, segundo Skinner, ensina a relatar: a) o *comportamento usual*, que pode ser uma informação pública, mas que não está naquele momento ao alcance de quem perguntou; b) *comportamento provável*, que indica o que o indivíduo está inclinado a fazer, (Skinner, 1974/1980 p.27); c) *comportamento passado*, no qual, tal como ocorre com o comportamento usual, a pessoa indica o que aconteceu no passado quando ela estava presente, d) *comportamento encoberto*, quando o indivíduo relata os comportamentos que são executados em uma escala tão pequena que apenas ele tem acesso, e por essa razão não é perceptível aos demais, e) *comportamento futuro*, tipo de comportamento encoberto a ser provavelmente emitido de público quando a ocasião surgir que “pode ser uma previsão de comportamento baseada em condições usuais com que o comportamento está

amiúde relacionado... Pode ser ainda o relato de uma farta probabilidade de assumir-se determinado comportamento”. (p. 28); f) *traduções múltiplas*, quando uma pessoa relata o seu comportamento é preciso levar em conta as circunstâncias em que esse comportamento foi adquirido, pois uma expressão pode ser traduzida de várias maneiras.

O relato verbal pode ocorrer também simplesmente como fonte de dados para a comunidade que ensina o indivíduo a relatar coisas sentidas, ensinando “respostas descritivas das condições internas usando condições públicas correlatas” (Skinner, 1974/1980 p.24), solucionando assim o problema da privacidade. Desse ponto de vista, Skinner afirma que o ensino do relato verbal pode ainda “contornar as restrições impostas pela privacidade utilizando respostas colaterais aos estímulos que uma pessoa deve aprender a identificar ou descrever” (p.25).

De Rose (2001), afirma que muitos profissionais usam o relato verbal como fonte de informações. Médicos que procuram saber o que seu paciente está sentindo, advogados que precisam saber o que aconteceu com o seu cliente, psicólogos clínicos que trabalham somente com o relato de comportamentos dos seus clientes, aos quais eles não tiveram acesso fácil ou direto, ou então com os relatos do que eles, clientes, pretendem fazer. Pesquisadores também coletam relatos verbais quando o seu ‘participante’ é o falante e esteve em contato com um estado de coisas ao qual ele, o ouvinte, não teve acesso.

Porém, Skinner adverte que apesar da comunidade verbal ter solucionado o problema da privacidade conseguindo ensinar as pessoas a

descreverem muitos de seus estados orgânicos, existem descrições que nunca serão totalmente precisas.

O relato de cada indivíduo depende da comunidade na qual ele está inserido, e do quanto àquela comunidade aprendeu sobre relatar seus próprios comportamentos, tanto os públicos quanto os privados.

Segundo De Rose (2001), a precisão do controle de estímulos sobre o relato verbal é afetada por suas variáveis, quanto mais complexas e sutis forem suas propriedades. Sendo assim, *(a) o grau de acesso do sujeito ao estímulo discriminativo, o grau de acesso da comunidade aos estímulos quando o repertório está sendo estabelecido, e os procedimentos utilizados pela comunidade para estabelecer e manter o repertório* são as variáveis que levarão o indivíduo a estabelecer e manter um bom repertório de tatear.

Partindo desse pressuposto, o relato verbal como fonte de dados está sujeito a distorções e inferências. “A validade destas inferências dependerá criticamente do grau de controle discriminativo exercido sobre o tato pelo estado de coisas em que o pesquisador está interessado, ou em outras palavras, da correspondência entre o relato e o estado de coisas a que supostamente se refere”. (De Rose, 2001 p.150)

Se um indivíduo não tem a observação do próprio comportamento, ou seja, a auto observação e/ou não consegue relatar as condições em que o comportamento ocorreu e quais foram às circunstâncias, estímulos, que o produziram, este indivíduo não saberá descrever seu comportamento. Isso porque uma pessoa não tem conhecimento do que fez quando emite um comportamento que ocorreu sem ter sido acompanhado de respostas de auto-observação.

Às vezes, o comportamento de auto-observação pode ter ocorrido, mas os estímulos resultantes exercem controle impreciso sobre o comportamento de relatar. A situação de questionário ou entrevista pode, eventualmente, fornecer pistas ou sondas, que podem complementar o controle impreciso pelo comportamento passado, vindo a produzir um relato mais acurado. Nesse caso, podemos dizer que a situação de entrevista ou questionário ajuda o indivíduo a se lembrar de seu comportamento passado. No entanto, é possível também que a situação de questionário ou entrevista forneça sonda ou pistas que suplantem os estímulos produzidos pelo comportamento no controle sobre o relato verbal. Estas pistas podem atuar em conjunto com a história de reforço do indivíduo, de tal modo que ele pode vir a dizer 'o que o pesquisador quer ouvir'

(De Rose, 2001 p.153)

Se o relato verbal é usado como fonte de dados por psicólogos, se entrevistas e questionários ajudam a estudar o comportamento verbal, então algumas pesquisas que usaram relato verbal e entrevistas (questionários) tornam-se importantes no presente trabalho.

O estudo de Wielenska (1989), foi um deles. Nele a pesquisadora realizou um estudo sobre comportamento verbal na clínica, com o objetivo de identificar alguns dos controles operantes na relação terapêutica entre um terapeuta comportamental e seus clientes. Para isto, estudou o controle de estímulos na relação de supervisão clínica, adotando como seu instrumento de coleta de dados, a obtenção do relato verbal de uma terapeuta, que era resumido e rerepresentado pela pesquisadora na semana seguinte.

A autora gravou em áudio cinco sessões de supervisão terapêutica, que ocorreram na residência da participante, posteriormente transcrevendo-as. Na primeira sessão de supervisão a pesquisadora pediu para a participante falar sobre qualquer coisa que fosse de seu interesse, desde que focasse o, seu relacionamento terapêutico que poderia ser com um ou vários pacientes.

Tais fatos poderiam estar localizados temporalmente no passado, presente ou futuro. Na primeira sessão a pesquisadora manteve-se silenciosa, fazendo o mínimo de interrupções possível. Em seguida, preparou um resumo dessa sessão, que foi apresentado, lido pela pesquisadora no início da sessão seguinte e acompanhado pela terapeuta a quem foi entregue uma cópia para que acompanhasse a leitura. Em seguida a pesquisadora questionava alguns tópicos levantados na sessão anterior e os rerepresentava no resumo. Após a transcrição, todas as sessões tiveram os seus desencadeantes identificados, isto é, foram localizadas nas falas da participante, as verbalizações que serviram de estímulo discriminativo para as perguntas da pesquisadora. O passo seguinte foi enumerar as falas da terapeuta (Ex: 1T, 2T, 3T.... 9T, 11T, etc) e as falas da pesquisadora (Ex: 8P, 10P, 12P, 13P, etc) e posteriormente fez-se o encadeamento dos diálogos entre os participantes, interligando pares de sessão, mostrando qual fala sessão anterior deu origem ao diálogo em outra sessão.

Os dados de Wielenska demonstram que “o controle do comportamento do sujeito nas sessões com seus clientes pareceu ser exercido tanto pelo próprio cliente, quanto por fatores não observáveis” (p.44). Com seu procedimento, Wielenska demonstrou que a produção do relato verbal proporcionou o conhecimento desses fatores, antes desconhecidos, como o quanto de valores pessoais da participante estava sendo considerado por ela enquanto terapeuta. A autora demonstra que à medida que a terapeuta produzia o relato verbal (a evidência de que havia entrado em contato com variáveis de controle) suas respostas na relação terapêutica foram mudando,

solucionando vários problemas relatados pela terapeuta em sessões anteriores.

Banaco, Zamignani e Kovac (2001) também realizaram uma pesquisa usando como setting a clínica, mas com o objetivo inicial de identificar quais as variáveis que operam no controle do comportamento expresso do terapeuta durante o atendimento. Além disso procuraram também de levantar dados que pudessem responder se os comportamentos encobertos do terapeuta que ocorrem em sessão faziam parte dessas variáveis.

“Num primeiro momento, a linha de pesquisa procurou fazer uma comparação entre sujeitos que fossem terapeutas experientes (com mais de dez anos de atuação clínica) e sujeitos inexperientes (terapeutas em formação)”

(p.288).

Os clientes foram atendidos em grupo com até seis participantes. Na sessão terapêutica havia um terapeuta, um co-terapeuta e outro aluno que permanecia dentro da sala de atendimento registrando as sessões cursivamente. Um supervisor e outros alunos do grupo de estagiários (também terapeutas) observavam a sessão atrás de um espelho unidirecional. Uma câmera de vídeo era colocada atrás do espelho, com foco no terapeuta (para ver suas reações não verbais que seriam, em sessões de entrevista, questionadas). Selecionavam-se alguns pontos da sessão que eram relevantes à pesquisa [algumas alterações perceptíveis na expressão do rosto do sujeito, “ajeitar-se na cadeira, ou um silêncio muito grande, etc.” (p.288)].

Seguia-se uma sessão de entrevista com o terapeuta, que observava a reprodução da sessão. As perguntas dos pesquisadores tinham o objetivo de investigar o comportamento encoberto do terapeuta. Esse procedimento não

permitiu o acesso exatamente ao encoberto emitido durante a sessão, mas permitiu levantar alguns pontos de discussão a partir da análise dos dados. Também nesse estudo foi possível obter relatos de contato com variáveis de controle que operavam sobre o comportamento do terapeuta, durante a sessão, que não eram observáveis diretamente com a exibição do registro em vídeo.

Moreira (2001) realizou uma pesquisa com o objetivo de “identificar variáveis presentes em uma interação verbal de supervisão de terapia comportamental em situação não acadêmica” (p.24). O procedimento foi baseado em atendimento clínico e na supervisão do terapeuta neste atendimento. As sessões eram registradas em vídeo e o supervisor observava as sessões terapêuticas através de uma sala com espelho unidirecional. Após a sessão terapêutica ocorria a supervisão individual do terapeuta que era registrada em áudio. As medidas utilizadas foram às freqüências de cada categoria de supervisor/terapeuta (em sessões de supervisão) e terapeuta/cliente (em sessões terapêuticas). Para isso a autora transcreveu todas as falas das sessões terapêuticas e das supervisões e posteriormente as categorizou com base na primeira sessão terapêutica e na primeira sessão de supervisão. Os dados foram analisados em forma de freqüência das categorias e nas relações antecedente-subseqüentes em seqüência de verbalizações. Os resultados mostraram que o supervisor ficou mais sob controle das contingências observadas por ele, do que do relato verbal do terapeuta, quando esse assistia à sessão terapêutica através do espelho, e o relato do terapeuta foi modelado através das contingências de reforçamento diferencial do supervisor (elogios) quando esse descrevia o que havia sido observado. O

comportamento do supervisor ocasionou mudança no comportamento do terapeuta nos encontros de supervisão e por sua vez, este posteriormente generalizava tais mudanças para as sessões terapêuticas. Foi observado também que as mudanças ocorridas no comportamento do terapeuta ocasionaram mudanças no comportamento do cliente dentro da sessão terapêutica, medidas pela categorização de suas respostas.

Moreira discutiu também a produção do relato verbal do terapeuta enquanto contato com variáveis de controle e enquanto seguimento de regras de atendimento. Além disso pode-se demonstrar a diferença entre as qualidades de relatos produzidos quando o “instalador” do contato com as variáveis de controle (supervisor) teve acesso direto ao comportamento a ser analisado (sessões observadas) ou quando teve acesso indireto a esses comportamentos (sessões relatadas).

Esses estudos são importantes aqui porque nos mostram o que tem sido feito em pesquisa clínica, e seus dados levantam questões a respeito da correspondência entre o dizer e o fazer.

Correspondência entre dizer e fazer

Outra área de estudo do comportamento verbal é a correspondência entre o dizer e o fazer. Mas ela também é conhecida como correspondência entre comportamento verbal e não verbal, isto é, entre aquilo que o indivíduo fala que vai fazer ou que já fez, com o que ele realmente faz ou fez. A

correspondência entre comportamento verbal e comportamento não verbal já foi muito estudada.

Risley e Hart (1968) desenvolveram o primeiro estudo na área de correspondência verbal e não verbal. Eles investigaram a correspondência em crianças pré-escolares, usando uma seqüência de treinos de correspondência verbal-não verbal, usando como reforço “guloseimas” e elogio quando a criança relatava o uso de blocos ou tintas.

A pesquisa aconteceu em 3 etapas, nas quais as crianças podiam brincar com blocos e tintas e depois relatar ao experimentador com qual material específico haviam brincado. Após o estabelecimento da linha de base (onde o levantar de mão da criança era contingenciado a ganhar “guloseimas”), qualquer verbalização da criança era reforçada (reforço de conteúdo), e logo após reforçavam apenas respostas verbais correspondentes à ação ocorrida com “guloseimas”, e confirmavam a resposta verbal reagindo socialmente à criança (reforço de correspondência). Quando as crianças não davam respostas verbais correspondentes ao seu comportamento, o experimentador perguntava: “Você não fez isso, fez?” e se dirigia a outra criança.

Na segunda etapa da pesquisa investigou-se a função da apresentação de comida e do comentário dos professores na manutenção dos relatos. Os procedimentos foram os mesmos da primeira parte do experimento, e foram introduzidos novos brinquedos e livros, sendo retirada a desaprovação do professor.

Na terceira parte do experimento o objetivo foi separar o papel do comentário do professor, da apresentação da comida. Foi feita a reversão à condição de reforço de conteúdo (todas as crianças ganhavam “guloseimas”) e

o professor voltou responder para as crianças, “você não fez isso, fez?”, quando o relato não era correspondente à ação.

A partir dos dados obtidos os autores concluíram que a manipulação de variáveis contingentes ao comportamento verbal alterou o comportamento não verbal.

Outro estudo muito importante na área foi o de Ribeiro (1989), que introduziu um procedimento de treino de correspondência verbal – não verbal em crianças pré-escolares para verificar se alguns tatos tinham a função de mando. Esse procedimento envolveu diferentes fases.

Na linha de base o relato da criança não era comentado e ela recebia reforço (uma ficha que no final de cada sessão poderia ser trocada por frutas ou doces).

Na fase seguinte, apenas o relato de brincar foi reforçado. Outra mudança de fase foi programada: ao invés dos relatos serem solicitados individualmente, agora aconteciam em grupo, onde uma criança podia ver o que a outra falava e qual seria a consequência para aquela criança.

Na fase do reforçamento em grupo por correspondência, o experimentador sabia com que brinquedo a criança tinha brincado, e reforçava somente os relatos em que houvesse correspondência, que podiam ser relatos da criança em que ela tivesse brincado e relatos da criança de não ter brincado.

Os resultados indicam que quando o comportamento é reforçado independente da correspondência entre o comportamento verbal e não verbal, a correspondência torna-se menos freqüente.

Igualmente interessante foi a situação em grupo, na qual as crianças que não relatavam ter brincado em nenhuma das situações, tanto na fase de não correspondência como na fase de correspondência, começaram a relatar que tinham brincado. O autor explica isso de duas maneiras: primeiro, algumas crianças deram instruções verbais para outras e segundo, que as crianças tendo acesso à observação do comportamento das outras, poderiam identificar com mais facilidade as contingências em vigor.

Os estudos mostram que a correspondência entre o dizer e o fazer em ambientes diferentes depende especificamente das contingências programadas para que ela aconteça. Uma área que busca desenvolver relações entre o dizer e o fazer tem sido chamada de resolução de problemas. Embora este não seja um problema diretamente investigado neste estudo, alguns resultados apontam que o desenvolvimento de relatos verbais e uma melhor performance em tarefas que podem ser consideradas problemas têm alguma relação.

Algumas pesquisas como a de Alves (2003) nos mostram que as variáveis que operam sobre a resolução de problemas operam também sobre o que se fala sobre ela, indicando uma maior ou menor correspondência entre as duas respostas.

Alves (2003) teve como objetivos:

- (a) verificar a efetividade de contingências experimentais programadas para tornar públicas respostas encobertas numa situação de resolução de problemas,
- (b) e investigar se pode ocorrer relação entre a descrição do próprio comportamento e a contingências experimentais constituintes de um exercício de resolução de problemas, tornando disponível a resposta solução (p.26).

Participaram deste estudo 50 universitários, de ambos os sexos, que foram distribuídos em 5 grupos, para responder a um exercício de emparelhamento arbitrário de uma figura modelo com a figura de comparação (matching to sample – MTS). Para isto, foi utilizada, a tela de um computador onde aparecia acima, no centro uma figura representando uma carta que continha o estímulo modelo (carta com o número 10 ou com a letra A) , e abaixo, paralelas entre si, duas cartas com os estímulos comparação (cartas de cor verde e vermelha). O clique sobre a alternativa correta produzia a palavra ‘CERTO’ no centro da tela, e a resposta sobre a alternativa errada produzia a palavra ‘ERRADO’. Todos os participantes tinham 40 tentativas para responder ao exercício, e independente de acertar ou errar, era perguntado ao participante se sabiam o que tinham que fazer para resolver o exercício [“Se você sabe a solução do exercício das cartas, toque a tela no quadrado ‘SIM’, da direita; caso não sabia a solução, toque a tela no quadrado ‘NÃO’, da esquerda” (p.34)], independente da resposta (sim ou não) era pedido que este redigisse como estava fazendo para resolver o exercício. Para isto os participantes dispunham de um bloco de papel, uma caneta e uma caixa que ficava ao lado do computador, onde era depositada a resposta. Todos os grupos eram submetidos à mesma contingência: e o que os diferenciava era o momento em que solicitado o relato verbal. Ao 1º grupo (GR “todas”) era solicitado ao participante responder após cada tentativa: sendo assim o participante respondeu 40 vezes as perguntas acima descritas; Para o 2º grupo (GR 10) a solicitação ocorreu a partir da 10ª tentativa, tendo o participante que responder 31 vezes; o 3º grupo (GR 20) foi solicitado a responder na 10ª e a partir da 20ª tentativas, tendo o participante que

responder 22 vezes; para o 4ª grupo (GR 30) a solicitação ocorreu nas 10ª, 20ª e a partir da 30ª tentativas, respondendo o participante 13 vezes às perguntas; e o 5º grupo (Relato ao final) foi solicitado apenas que respondessem na 10ª, 20ª, 30ª e 40ª tentativa, sendo solicitado o relato verbal do participante apenas 4 vezes. Os resultados mostram que quanto mais oportunidades que os participantes tinham de relatar como solucionavam o problema, maior o número de acertos na tarefa proposta (MTS). Mas alguns participantes mostraram também que relatar que sabiam resolver a tarefa, não era preditivo para haver correspondência com suas resposta, isto é, relatavam que sabiam resolver o exercício, porém não conseguiam descrever a contingência proposta no exercício. Foi observado também , que mesmo em casos nos quais o individuo não soube descrever a contingência proposta, alguns participantes conseguiam resolver o exercício proposto. Alves (2003) conclui que talvez seja possível argumentar que “respostas verbais de descrever são relevantes para melhorar desempenhos em condições de resolução de problemas” (p.84), tendo como base o melhor desempenho dos participantes dos grupos que tiveram maiores oportunidades para relatar como faziam para resolver o exercício.

Oliveira (2005) ao replicar Alves (2003) conseguiu resultados muito diferentes. Seu objetivo foi verificar a influência que o comportamento não-verbal pode exercer sobre o comportamento verbal, como também a influência do comportamento verbal pode exercer sobre o não verbal. As contingências programadas pela autora foram muito semelhantes à de Alves (2003), salvo algumas diferenças: O número de participantes ao invés de 50 (que respondiam ao experimento individualmente), foram 25 (que respondiam ao

experimento em uma mesma sala, 3 participantes de cada vez); o estímulo modelo de Alves (2003) foi o número 10 ou a letra A (maiúscula) e o de Oliveira (2005) foi o número 10 e qualquer letra do alfabeto maiúscula; e diferença no momento da solicitação da resposta de informação “SIM” e “NÃO”, para a pergunta se o participante sabia resolver o problema, Alves (2003) só a solicitava juntamente com a descrição do que o participante fez para resolver o problema; já Oliveira (2005) perguntava se o participante sabia resolver ou não em todas as tentativas. Alves (2003) também solicitava que seus participantes que fizessem seus relatos usando papel e caneta, e depositasse-os em uma caixa que ficava ao lado do computador, enquanto Oliveira adicionou ao software instruções para que os participantes escrevessem e salvassem seus relatos no Microsoft Word [“Dê um duplo clique no Ícone Documento para acessar o Word e escreva como você está fazendo este exercício. Em seguida ainda no Word clique em: Arquivo Salvar cópia como... salve o arquivo com seu nome e sai do Word. Depois toque na tela para continuar” (p.46)], e a tela ficava travada até que esta tarefa fosse completada. A maior diferença encontrada nos resultados foi, enquanto Alves (2003) obteve um melhor desempenho na solução do problema pelos participantes que tinham mais chance de relatar o que estavam fazendo, Oliveira (2005) obteve um resultado oposto, pois os participantes dos grupos que tiveram menos chance de relatar o que estavam fazendo (GR30 e GR40), foram os que melhor conseguiram resolver o problema proposto. A autora levanta a hipótese da diferença encontrada ter ocorrido pelas diferenças na contingência programada, como foi citado acima.

Sousa (2006) ao replicar Alves (2003), teve como objetivo de seu estudo “verificar se uma variação na tentativa em que as respostas de informação e descrição são solicitadas tem relação com o desempenho em uma tarefa de escolha conforme o modelo” (p.14) (MTS). Para isso o pesquisador programou contingências semelhantes às de Alves (2003), diferenciando-as apenas em relação ao momento da sessão em que era solicitado aos participantes se eles sabiam como resolver o problema e no momento do relato para que eles descrevessem a contingência em vigor. Os participantes dos grupos G1, 2, 3 e 4 eram solicitados a responderem sobre se sabiam como resolver o problema e a relatarem como faziam para resolvê-lo em apenas 10 oportunidades. Ao 1º grupo (GR 1-10) a tarefa de informar se sabiam ou não resolver o exercício e relatar como faziam para resolvê-lo, foram solicitadas nas tentativas de nº 1 até a de nº 10; ao 2º grupo (GR 11-20), as perguntas eram solicitadas nas tentativas de nº 11 até a de nº 20; ao 3º grupo (GR 21-30), as perguntas eram solicitadas nas tentativas de nº 21 até a de nº 30; ao 4º grupo (GR 31-40), as perguntas eram solicitadas nas tentativas de nº 31 até a de nº 40; Os participantes do 5º grupo (GR pós-40) tiveram apenas 1 oportunidade de responder às perguntas em questão, que ocorreu após a 40ª tentativa. Os resultados encontrados pelo autor corroboram com os resultados de Alves (2003), sugerindo também que “(1) solicitação de relatos podem melhorar o desempenho em tarefas não verbais, 2) a quantidade dessa solicitação é uma variável relevante. Uma quantidade maior de solicitações pode produzir um melhor desempenho” (p.81). E acrescentam ainda aos resultados de Alves (2003), a sugestão de que a tentativa nas quais as solicitações são introduzidas também podem alterar o desempenho (verbal e não-verbal) do

indivíduo. Quanto maior a exposição prévia ao número de tentativas antes da introdução das solicitações, melhor o desempenho na tarefa não verbal, e maior a quantidade de respostas de informação e de relatos corretos sobre a contingência.

Os estudos sobre correspondência mostram, então que é possível que o relato verbal se torne mais preciso dependendo das contingências programadas para que ele aconteça, e indicam também que pode haver uma melhora na performance do indivíduo submetido a essas contingências.

A questão importante que será considerada a partir deste momento diz respeito à aplicação destes conhecimentos. Seria possível observar indícios destas relações em situações aplicadas?

O trabalho de Leme (2005) enfrentou esta questão. A autora realizou sua pesquisa com o objetivo de estudar a correspondência entre o comportamento verbal e o comportamento não verbal¹ em situação natural, especificamente no ambiente escolar

Participaram desse estudo dois professores que lecionavam de 5^a a 8^a série do ensino fundamental. Cinco aulas de um professor e quatro aulas do outro foram observadas e gravadas em vídeo e posteriormente transcritas. A turma de alunos observada pelos dois professores e pesquisadora foi à mesma.

Cada aula era assistida e registrada em vídeo, e posteriormente transcrita, gerando um questionário com dez perguntas sobre dez situações as quais a pesquisadora considerava ter alguma probabilidade de controlar

¹ A autora chama de comportamento não verbal apenas as observações das aulas dos participantes realizadas por ela.

respostas de auto-observação do participante (professor). Esse questionário sempre era aplicado antes da próxima aula do professor em questão, e as perguntas eram formuladas referiam-se àquilo que o professor havia feito em determinada situação, (comportamento passado), ou como forma de hipótese sobre o que ele faria em situação parecida com aquela (comportamento futuro).

Os resultados mostraram que os participantes apresentaram maior número de relatos correspondentes entre os comportamentos observados e relatados, do que relatos não correspondentes. E verificando as situações que apresentavam comportamentos passados e futuros, observaram-se proporcionalmente, mais relatos correspondentes ao comportamento passado do que ao comportamento futuro. A autora levanta a hipótese de que isto aconteceu porque nos eventos passados “as variáveis que controlam os relatos foram: o questionário, a auto-observação e os eventos privados gerados por ela, o que significa que o sujeito responde a partir de uma situação específica experienciada por ele” (p.63). Ou seja, sua hipótese refere-se que quando o indivíduo já experienciou determinada situação, existe um maior controle sobre essas variáveis (questionário, auto-observação e eventos privados gerados por este), do que sobre quando a situação é apenas hipotetizada.

Isto posto, os estudos demonstram que correspondência entre verbal-não verbal foi observada tanto em ambiente de pesquisa quanto em ambiente escolar. Como afirmado acima, as pesquisas experimentais mostraram que a introdução da solicitação de relato na resolução de tarefas, pode mudar o desempenho nestas.

No entanto nenhum deles aponta para o que acontece na clínica. Embora os estudos de Banaco, Zamignani e Kovac (1997) e Wielenska (1989)

tenham produzido relatos verbais a respeito de situações clínicas, nenhum desses estudos observou se mudanças aconteciam no desempenho do participante observado após as intervenções propostas em seus delineamentos.

Uma pergunta que pode se colocar é: se o terapeuta tiver a oportunidade de falar sobre seu comportamento, isso afetaria o seu desempenho?

Com base nas observações possíveis em diversos ambientes (experimentais e escolares), pergunta-se sobre a possibilidade de poder-se modificar o comportamento de auto-observação e auto-relato em situações de atuação clínica, favorecendo a correspondência entre o relato do terapeuta e o ocorrido em seu trabalho.

O presente estudo tem por objetivo principal, por meio da categorização relatos sobre sessão terapêutica, relacionar o que um terapeuta fala sobre o que ele fez ou virá a fazer com o que aconteceu ou acontecerá durante suas sessões de atendimento.

Foi demonstrado também que a solicitação de relatos tem efeito sobre o responder que é o alvo da observação. Por esta razão, o presente estudo tentará verificar se ocorre mudança no comportamento do terapeuta, apenas solicitando relatos sobre o que ele está fazendo, usando para isso um delineamento de linha de base múltipla. Para isso pretendeu-se manipular comportamentos diferentes de um mesmo terapeuta, no mesmo ambiente.

MÉTODO

Participantes

Participou deste estudo um terapeuta com especialização em terapia analítico-comportamental, 27 anos, solteiro, com 2 anos de formado e de atendimento clínico. Uma cliente de 24 anos de idade, do sexo feminino, solteira, que estava em atendimento há 2 meses com este terapeuta, no início deste estudo, foi a interlocutora do terapeuta, mas não participou diretamente do estudo.

O participante e sua cliente preencheram os termos de consentimento informado (Anexo 01), e o projeto foi submetido ao conselho de ética da PUC-SP, e recebeu aprovação.

Local

A coleta de dados da sessão terapêutica aconteceu em uma sala de atendimento de uma clínica psicológica. Nesta sala havia um sofá de dois lugares, uma poltrona que ficava de frente para este sofá; uma mesa retangular com uma cadeira, atrás dessa poltrona; uma mesinha de canto, ao lado do sofá; e um gravador para registro da sessão. A entrevista também ocorreu nesta mesma sala descrita.

Equipamento e material

Foi utilizado um gravador digital da marca Sony (modelo ICD-B26), que foi substituído por outro gravador digital da marca: IRiver (modelo: IFP-790), mais potente que o primeiro, para a gravação dos relatos verbais. Foi utilizado também um computador desktop, marca: HP (modelo HP Pavilion PC 2007), para as transcrições das sessões terapêuticas e das entrevistas.

Procedimento

Contato com o participante e seu cliente:

Um primeiro contato com o terapeuta foi feito pelo telefone perguntando se ele aceitaria participar de uma pesquisa em clínica que estudaria as variáveis que interferem no procedimento terapêutico.

Tendo o participante aceito o convite, pesquisadora e ele definiram os horários de coleta de dados, e o terapeuta foi informado que encontraria a pesquisadora em algumas sessões 40 minutos antes desta começar. Nessa conversa ficou acertado que a escolha do cliente, o contato e as combinações com este, seriam realizados apenas pelo terapeuta.

Delimitação do estudo:

O presente estudo consistiu em 15 sessões de coleta de sessões terapêuticas e 4 entrevistas, sendo que as sessões foram realizadas na sala de atendimento do terapeuta de uma clínica psicológica, tiveram aproximadamente 50 minutos cada uma delas, e ocorriam uma vez por semana, sempre no mesmo dia e no mesmo horário (sessão terapêutica). As entrevistas duraram uma hora e meia, entre a 3ª e a 4ª sessões, entre a 6ª e a 7ª sessões, entre a 9ª e a 10ª sessões e entre a 12ª e a 13ª sessões terapêuticas. Com os dados coletados, a pesquisadora analisou-os em ambiente adequado, e a análise consistiu na elaboração dos dados das três sessões prévias a cada entrevista (transcrição, categorização e escolha dos episódios verbais), que ocorriam sempre antes da próxima sessão terapêutica.

1ª semana

1ª etapa – Entrevista e sessão terapêutica: A pesquisadora encontrou o terapeuta na clínica psicológica por quinze minutos antes da sessão terapêutica, entregou o termo de consentimento informado ao terapeuta, que foi lido e assinado; instruiu para que este entregasse o termo de consentimento informado ao cliente, lesse com ela e obtivesse também sua assinatura. Além disso, informou ao terapeuta que a partir de então todas as conversas seriam

gravadas, tanto as que ocorressem entre a pesquisadora e o terapeuta, quanto entre o terapeuta e o cliente. Depois disso a pesquisadora entregou o gravador (Sony) ao terapeuta e disse que voltaria ao final do dia para pegar o gravador e os termos de consentimentos assinados. O terapeuta seguiu para a condução da sessão terapêutica e a pesquisadora foi embora não tendo nenhum contato com o cliente. Ao término da sessão, o terapeuta deixava o gravador com o registro em áudio desta, e os termos de consentimentos informados dentro de um envelope com a secretária da clínica psicológica, e ela o entregava à pesquisadora que procedeu à etapa seguinte.

2ª etapa – Elaboração dos dados: A pesquisadora escutava e transcrevia a sessão gravada. A partir da transcrição das falas do terapeuta, foram elaboradas algumas categorias. As bases para as medidas em ocorrência foram, portanto, a(s) sentença(s) falada(s) pelo participante (terapeuta) até o início da fala do interlocutor (cliente ou pesquisadora). Todas as falas do terapeuta foram classificadas usando categorias selecionadas segundo os critérios elaborados a partir de manuais sobre atendimento clínico como Hackney e Nye (1973/1977), Kohlenberg, R. J. e Tsai, M. (1991/2001) e Zaro, J. S., Barach, R., Nedelman, D. J., Dreiblatt, I. S. (1977/1980), que apontam algumas situações que acontecem na condução de uma sessão terapêutica. Para melhor descrever esses critérios, as categorias criadas por Zamignani 2007, foram adaptadas para utilização neste estudo, e foram acrescentadas mais algumas descrições da pesquisadora, para que os critérios fossem completamente contemplados. A descrição acrescentada pela pesquisadora às categorias de Zamignani estão colocadas em itálico entre colchetes, ficando cada critério descrito da seguinte maneira:

Critério 1: O terapeuta reafirma ou esclarece a comunicação anterior do cliente, e/ou sugere como este pode sentir-se em relação a um tópico particular.

1.1. Terapeuta demonstra empatia (EMP):

a) Nomeação de sentimento: terapeuta nomeia ou infere sentimentos, valores e/ou a importância de eventos experimentados pelo cliente a

partir de seu comportamento não vocal, do contexto ou a partir de sua descrição de eventos (que sugiram relação com antecedente, reposta ou conseqüente).

- b) Comentários de entendimento: comentários breves apresentados após uma descrição, que resumem em poucas palavras o essencial do que o cliente disse, ou infere a continuidade da descrição, sugerindo interesse no assunto e demonstrando que está atento ao relato.
- c) Paráfrases: verbalizações nas quais o terapeuta apresenta de forma resumida o que foi dito em algum ponto anterior pelo cliente na mesma sessão, por meio de repetição literal ou reorganização das verbalizações do cliente;

Critério 2: O terapeuta analisa algum comportamento do cliente, e/ou ensina-o a fazer uma análise.

2.1. Terapeuta solicita relato (SRE), [*que apontam o antecedente, a resposta ou a conseqüência do comportamento*].

- a) solicitação de informações sobre eventos: terapeuta solicita ao cliente que descreva fatos ocorridos, informações específicas, detalhes, ou esclarecimentos a respeito de eventos.
- b) solicitação de informações sobre eventos: terapeuta solicita ao cliente que descreva fatos ocorridos, informações específicas, detalhes, ou esclarecimentos a respeito de eventos.

2.2. Terapeuta Solicita Reflexão (SRF): Verbalizações nas quais o terapeuta solicita ao cliente qualificações, explicações, interpretações, reflexões ou previsões a respeito de qualquer tipo de evento;

2.3. Terapeuta interpreta (INT):

- a) descrição explicativa de relações entre ações (do cliente e/ou de terceiros) e outros eventos ou ações: relações explicativas ou causais entre eventos - relações do tipo "se... então", apenas quando dizem respeito ao comportamento do cliente ou de terceiros;

b) descrição de contigüidade entre ações (do cliente e/ou de terceiros) e outros eventos ou ações: terapeuta explica a ocorrência de eventos em termos de relações de contigüidade - relações temporais entre eventos - relações do tipo “o evento X ocorre quando Y ocorre...”, apenas quando dizem respeito ao comportamento do cliente ou de terceiros;

c) descrição de regularidades ou padrões recorrentes de ações (do cliente e/ou de terceiros): terapeuta explica a ocorrência de eventos em termos de padrões recorrentes apenas quando dizem respeito ao comportamento do cliente ou de terceiros ou temas recorrentes na verbalização do cliente;

Critério 3: O terapeuta sobrepõe sua fala a fala da cliente (quando ele fala junto com ela).

Para identificar nas entrevistas se houve correspondência verbal entre o que havia ocorrido e o relato do terapeuta durante a entrevista, foram feitas comparações entre as falas do terapeuta que seguiram as verbalizações da cliente selecionadas para a entrevista, e as respostas que ele emitia quando perguntado: “Quando a cliente falou ... o que você disse?”. A seguir, a correspondência entre as verbalizações ocorridas na sessão terapêutica e as respostas emitidas na entrevista foi avaliada, utilizando-se as categorias criadas por Leme (2005) apresentadas adiante.

2ª e 3ª semanas

1ª etapa – Entrevista e sessão terapêutica: A pesquisadora deixava o gravador com a secretária, e esta entregava ao terapeuta, não tendo a pesquisadora nenhum contato com o cliente. Ao chegar à clínica o terapeuta pegava o gravador com a secretária, e seguia para a sessão terapêutica. Ao término da sessão, o terapeuta entregava o gravador com o registro em áudio da sessão terapêutica à secretária, e esta entregava à pesquisadora que procedia à etapa seguinte.

2ª etapa – Elaboração dos dados: Ocorreu como a 2ª etapa da 1ª semana. E a pesquisadora escolheu o episódio “reafirmar ou esclarecer comunicação anterior” para a primeira entrevista com o terapeuta na semana seguinte, que já estavam destacados no texto. Foram selecionados 4 episódios verbais, referentes ao critério escolhido, de cada sessão terapêutica transcrita, totalizando 12 episódios nesta entrevista.

4ª semana

1ª etapa – Entrevista e sessão terapêutica: A pesquisadora encontrou o terapeuta e gravou toda a conversa entre eles, de acordo com os itens seguintes:

- a) Com o comportamento alvo escolhido para essa entrevista, a pesquisadora começava o seu relato na fala anterior do terapeuta, ficando fala do terapeuta, fala da cliente, fala do terapeuta com o comportamento-alvo. Se a fala do terapeuta era muito curta e/ou não permitia a identificação do assunto, a pesquisadora voltava uma fala acima, e assim sucessivamente até que fosse possível identificar qual era o assunto naquele momento da sessão, podendo também a pesquisadora fazer um breve resumo sobre o assunto em questão, antes de começar a relatar as falas;
- b) Então, quando chegava ao relato sobre a fala da cliente, anterior à fala do terapeuta que era o comportamento alvo, a pesquisadora interrompia o relato e perguntava: “O que você fez nesta situação?”;
- c) o terapeuta relatava o que tinha feito;
- d) a pesquisadora tocava o episódio; reproduzindo então o registro em áudio do trecho selecionado e ambos o escutavam;
- e) a pesquisadora gravava toda a verbalização do terapeuta.

Apenas 4 episódios verbais foram questionados devido ao tempo, percebeu-se então que tempo para a entrevista era muito pequeno, e que “tocar” o trecho escolhido da sessão estava aumentando ainda mais esse tempo, já que era preciso procurá-lo durante a própria entrevista. Foi combinado então com o terapeuta que as próximas entrevistas seriam

realizadas na parte da manhã do dia da sessão terapêutica que ocorria à tarde, para que houvesse um tempo maior para realizá-las, ele também relatou estar com dificuldade para lembrar da sessão. Diante deste relato do terapeuta, foi estabelecido que seriam selecionados 6 episódios verbais das duas últimas sessões antes da entrevista, totalizando 12 episódios verbais para as próximas entrevistas. Em seguida, o terapeuta foi liberado para conduzir a sessão terapêutica seguinte.

A pesquisadora ia embora e voltava para buscar o gravador mais tarde, com o mesmo procedimento já descrito.

2ª etapa – Elaboração dos dados: Esta etapa aconteceu como a 2ª etapa da 1ª semana.

5ª semana

1ª etapa – Entrevista e sessão terapêutica: Nesta semana a pesquisadora decidiu trocar o gravador que estava sendo usado na pesquisa, para melhorar o registro das gravações e ser possível armazenar no computador tais áudios, o que não era possível com o gravador anterior. Para isso a pesquisadora encontrou o terapeuta 10 minutos antes da sessão, para ensinar-lhe como usar o novo gravador (IRiver). O terapeuta foi liberado para conduzir a sessão terapêutica seguinte, e a pesquisadora foi embora e voltava para buscar o gravador mais tarde, que já estava com a secretária, como na 2ª e 3ª semanas anteriores.

2ª etapa – Elaboração dos dados: Nesta semana o terapeuta ligou mais tarde pra a pesquisadora relatando que não tinha conseguido gravar a sessão dessa semana por algum erro que cometeu ao manusear o gravador novo. No entanto, relatou que já o havia testado novamente e não tinha encontrado problemas depois disso. Por essa razão, ele ficou com o gravador para repetir a 5ª semana de coleta. Repetida a quinta semana, a elaboração dos dados ocorreu como a 2ª etapa da 1ª semana.

6ª semana

1ª etapa – Sessão terapêutica: Estando o gravador já com o terapeuta, a pesquisadora passou apenas para buscá-lo depois do encerramento da sessão terapêutica, estando este, já com a secretária.

2ª etapa – Elaboração dos dados: Esta etapa aconteceu como a 2ª etapa da 1ª semana. A pesquisadora continuou com o episódio “reafirmar ou esclarecer comunicação anterior” para a segunda entrevista com o terapeuta na semana seguinte, destacado-os no texto, pois considerou o registro da primeira semana insuficiente. Com a modificação para 6 episódios verbais das 2 últimas sessões antes da entrevista, totalizando 12 episódios verbais.

7ª, 10ª e 13ª semanas

1ª etapa – Entrevista e sessão terapêutica: Esta etapa ocorreu como a 1ª etapa da 4ª semana, mas aqui a pesquisadora relatava o trecho escolhido, ao invés de reproduzi-lo para o terapeuta. Os comportamentos-alvo aqui foram “reafirmar ou esclarecer comunicação anterior”, “o terapeuta analisa algum comportamento do cliente, e/ou ensina-o a fazer uma análise”, e quando “houver sobreposições das falas do participante e do cliente (os dois falam ao mesmo tempo), respectivamente.

2ª etapa – Elaboração dos dados: Esta etapa aconteceu como a 2ª etapa da 1ª semana.

8ª, 9ª, 11ª, 12ª, 14ª e 15ª semanas

A coleta ocorrida nestas semanas aconteceram iguais à coleta da 6ª semana, respeitando o critério escolhido para cada entrevista.

Tabela 01. Procedimento usado na pesquisa.

semanas	Pesquisadora e terapeuta	Terapeuta e Cliente	Pesquisadora
1 ^a , 2 ^a , 3 ^a , 5 ^a , 6 ^a , 8 ^a , 9 ^a , 11 ^a , 12 ^a , 14 ^a e 15 ^a semanas		Sessão gravada	Transcrição Seleção dos episódios Identificação no texto dos episódios selecionados
	Relato das verbalizações entre terapeuta e cliente pela pesquisadora até episódio selecionado.		Transcrição
4 ^a , 7 ^a , 10 ^a , 13 ^a semanas	Pergunta: “O que você fez nesta situação?” Terapeuta e pesquisadora escutam o episódio selecionado Pergunta: “Se esta situação se repetisse desta mesma maneira, o que você faria da próxima vez?”;	Sessão gravada	Seleção dos episódios Identificação no texto dos episódios selecionados

RESULTADOS

No presente estudo 15 sessões terapêuticas de um psicólogo foram analisadas. O mesmo foi submetido a 4 entrevistas (1 – A, 1 – B, 2 e 3) com um intervalo de 3 em 3 sessões. As sessões foram categorizadas com base em manuais de atendimento clínico [Hackney e Nye (1973/1977), Kohlenberg, R. J. e Tsai, M. (1991/2001) e Zaro, J. S., Barach, R., Nedelman, D. J., Dreiblatt, I. S. (1977/1980)]; para melhor descrever essas categorias, usou-se as descrições das categorias criadas por Zamignani (2007), mais descrições da pesquisadora, visando à função do comportamento e não sua topografia. Os trechos escolhidos para cada entrevista foram respectivos a um dos três critérios: (1) terapeuta reafirma ou esclarece a comunicação anterior do cliente, e/ou sugere como este pode sentir-se em relação a um tópico particular; (2) analisa algum comportamento do cliente, e/ou ensina-o a fazer uma análise; (3) sobrepõe sua fala a fala da cliente. As entrevistas 1 – A e 1 – B, correspondem ao critério 1, as entrevistas 2 e 3, aos critérios 2 e 3 respectivamente. Sendo analisado a correspondência entre as categorias do comportamento relatado pelo terapeuta e o comportamento observado pela pesquisadora.

Para isso com base nas transcrições das entrevistas realizadas, nos quadros desenvolvidos por Leme (2005) na análise de seus dados, e na tríplice contingência, elaborou-se tabelas contendo os seguintes itens nas diferentes colunas:

(1) *identificação da situação*: foram numeradas as diferentes situações selecionadas para a elaboração da entrevista; (2) *situação antecedente*: foram inseridas as respostas do terapeuta e do cliente, imediatamente anteriores àquela sobre a qual foi realizada a pergunta do questionário, visando contextualizar esta última resposta; (3) *respostas do terapeuta*, por sua vez, apresentou, inicialmente, o relato verbal do terapeuta emitido diante da entrevista realizada, e em seguida a(s) resposta(s) do terapeuta observada(s) na sessão terapêutica na interação com a cliente, que foi(ram) objeto das perguntas da entrevista. Essas colunas são as de maior interesse para o presente estudo, já que proporcionam a comparação das respostas emitidas

pelo participante observadas na situação da gravação em áudio da sessão terapêutica (respostas do terapeuta observadas), com aquelas obtidas nas entrevistas (respostas do terapeuta relatadas); (4) *respostas do cliente*: foram incluídas aquelas que conseqüenciaram imediatamente as respostas do terapeuta observadas que foram objeto das perguntas da entrevista, ou seja, que funcionaram como conseqüência para as respostas do participante sobre as quais foram feitas as perguntas da entrevista; (5) *classificação do relato quanto à correspondência*, que mostra os resultados da análise feita de cada resposta.

Cada resposta relatada pelo terapeuta foi comparada com a situação observada, e classificada (Anexo 02) conforme a correspondência Leme (2005).

- a) Correspondência topográfica (CT) - o participante relatou todas e apenas as respostas emitidas*.
- b) Correspondência parcial tipo 1 (CP1) - o participante relatou outras respostas além daquelas emitidas.
- c) Correspondência parcial tipo 2 (CP2) - o participante relatou apenas algumas das respostas emitidas.
- d) Correspondência parcial dos tipos 1 e 2 (CP1,2) – o participante relatou apenas algumas das respostas emitidas e relatou outras respostas além daquelas emitidas.
- e) Possível correspondência funcional (CF) – o participante relatou respostas que possivelmente geram conseqüências semelhantes às emitidas, embora sendo topograficamente diferentes.
- f) Possível correspondência funcional tipo 1 (CF1) - o participante relatou outras respostas além das que possivelmente geram conseqüências semelhantes às respostas emitidas, embora sendo topograficamente diferentes.
- g) Possível correspondência funcional, tipo 2 (CF2) - o participante relatou apenas algumas das respostas que possivelmente geram conseqüências semelhantes às respostas emitidas, embora sendo topograficamente diferentes.

- h) Não correspondência (NC) - o participante não relatou nenhuma das respostas emitidas, nem respostas que possivelmente geram conseqüências semelhantes às emitidas, embora sendo topograficamente diferentes.

A Figura 1, a seguir, apresenta as categorias de correspondência que classificou os relatos de cada entrevista pudessem ser comparadas separadamente, por entrevistas, e também pudessem comparar as entrevistas entre si. Apresenta a porcentagem de correspondência total (CT), correspondência parcial do tipo 1 (CP1), correspondência parcial do tipo 2 (CP2), correspondência funcional (CF), correspondência funcional do tipo 1 (CF1), correspondência funcional do tipo 2 (CF2) e não correspondência (NC) e não correspondência, relatada pelo participante em cada entrevista.

Na coluna da entrevista 1 – A, observou-se 75% de correspondência funcional do tipo 2 e 25% de não correspondência. Na coluna da entrevista 1 – B, observou-se 8,33% de correspondência parcial do tipo 1, do tipo 2, correspondência funcional e correspondência funcional do tipo 1; 16,67% de correspondência funcional do tipo 2 e 50% de não correspondência. Na coluna da entrevista 2, observou-se 15,35% de correspondência parcial do tipo 1, do tipo 2 e também do tipo 1, 2, como também correspondência funcional do tipo 1 e do tipo 2 e 23,08% de não correspondência. Na coluna da entrevista 3, observou-se 100% de não correspondência.

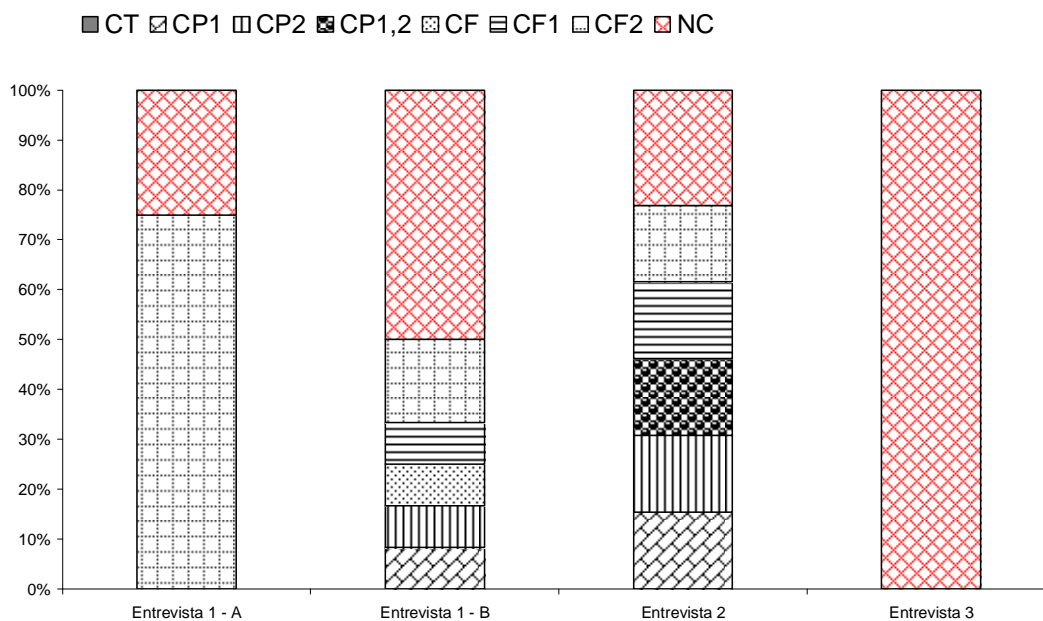


Figura 01. Porcentagem de correspondência encontrada em cada entrevista realizada pela pesquisadora.

A Figura 2 foi construída com os dados obtidos na entrevista 3, na qual não foi observada nenhuma correspondência entre a classe de respostas observada (falar junto com a cliente) e o relato que o terapeuta produziu durante a entrevista. No entanto, julgou-se necessário mostrar que houve correspondência de conteúdo entre algumas respostas verbais que o terapeuta emitiu durante a sessão terapêutica e as obtidas em entrevista. Por esta razão, de forma que fosse possível observar a correspondência de conteúdo encontrada na entrevista 3, como também a porcentagem total de correspondência e não correspondência encontrada nessa categoria que era respectiva ao critério 3, nesta figura especialmente, foi necessária uma mudança na legenda, para que fosse construída desta maneira: a legenda CT ao invés de correspondência topográfica, leia-se somente aqui, Correspondência Total. Na coluna de correspondência de conteúdo, pode-se observar 7,69% de correspondência parcial do tipo 1 e de correspondência funcional; 15,38% de correspondência parcial do tipo 2 e também correspondência funcional do tipo 1 e do tipo 2 e 38,46% de não correspondência. E a coluna correspondência X não correspondência, pode-se

observar 61,54% de correspondência e apenas 38,46% de não correspondência.

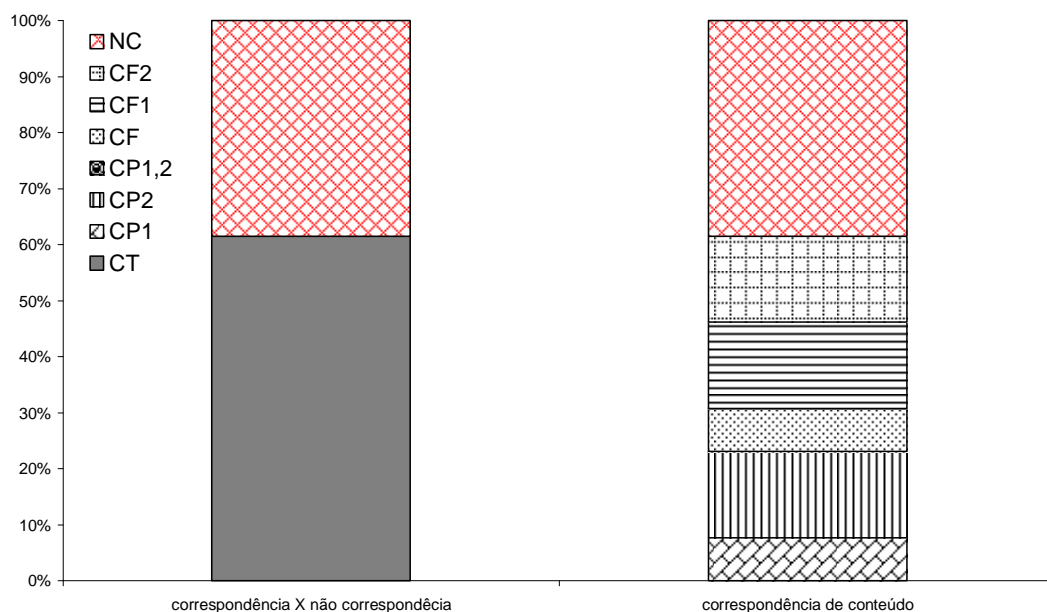


Figura 02. Porcentagem de correspondência de conteúdo encontrada e também porcentagem total de relatos que apresentaram correspondência e não correspondência na entrevista 3 realizada pela pesquisadora.

Já a Figura 3 foi construída de forma que fosse possível observar o total de correspondência e não correspondência encontrada nas 4 entrevistas realizadas pela pesquisadora. Na coluna da entrevista 1 – A, observa-se 75% de correspondência e apenas 25% de não correspondência; já na coluna da entrevista 1 – B observou-se 50% de correspondência e 50% de não correspondência. Na coluna da entrevista 2, 76,92% de correspondência e 23,08% de não correspondência. Na coluna da entrevista 3, observa-se 100% de não correspondência.

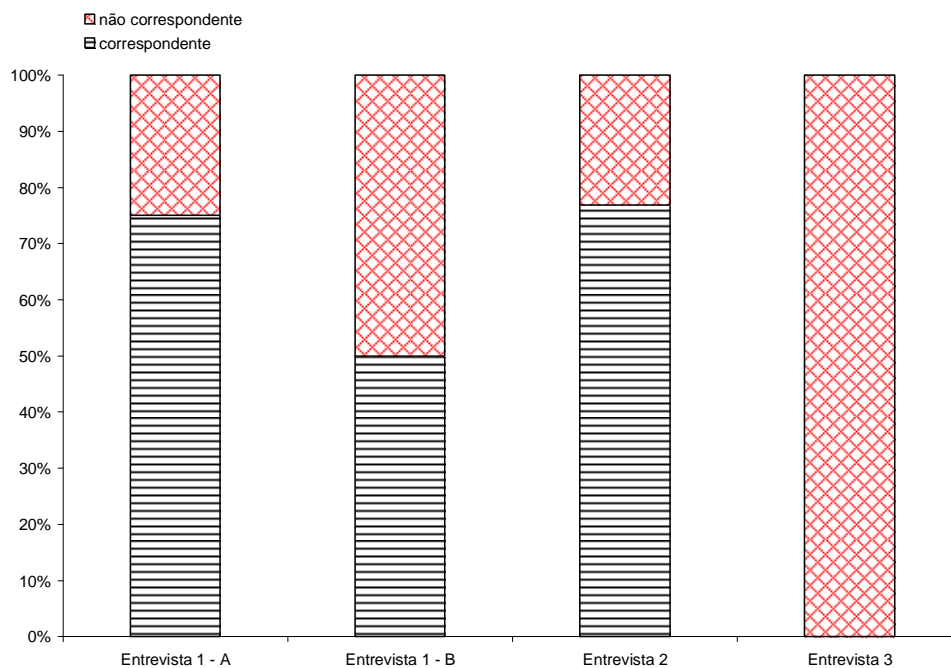


Figura 03. Porcentagem total de correspondência e não correspondência encontrada em cada entrevista realizada pela pesquisadora.

A Figura 4, apresenta a quantidade de categorias apenas funcionais ou parciais ocorridas durante as entrevistas realizadas pela pesquisadora. A coluna CP1, CP2 e CP1, 2 mostra que ocorreram 8 vezes correspondência parcial durante as entrevistas e a coluna CF, CF1 e CF2 ocorreram 11 vezes correspondência funcional durante as entrevistas.

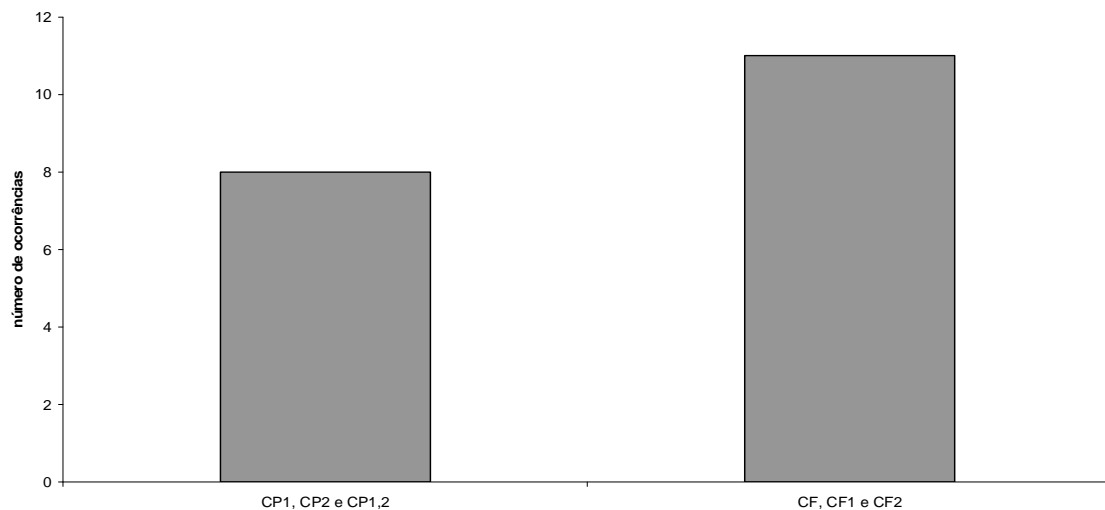


Figura 04. Quantidade de correspondência encontradas (parcial ou funcional) nas entrevistas realizadas pela pesquisadora.

A Figura 05 a seguir, apresenta o tipo de correspondência futura, e o total de correspondência encontrada ou não, durante a entrevista 2. Devido à dificuldade encontrada para verificar se o terapeuta volta a emitir a categoria de comportamento verificada na entrevista. Optou-se por selecionar apenas uma das entrevistas realizadas, no caso a entrevista 2 referente ao critério 2, para tentar verificar correspondência entre o que o terapeuta falou que ia fazer, com o que ele realmente fez. Na coluna tipo de correspondência observa-se 28,57% de correspondência funcional do tipo 1; 42,86% de correspondência funcional do tipo 2 e 28,57 de não correspondência. Já na coluna dois observa-se 71,43% de correspondência total (aqui também CT demonstra Correspondência Total) e 28,57% de não correspondência.

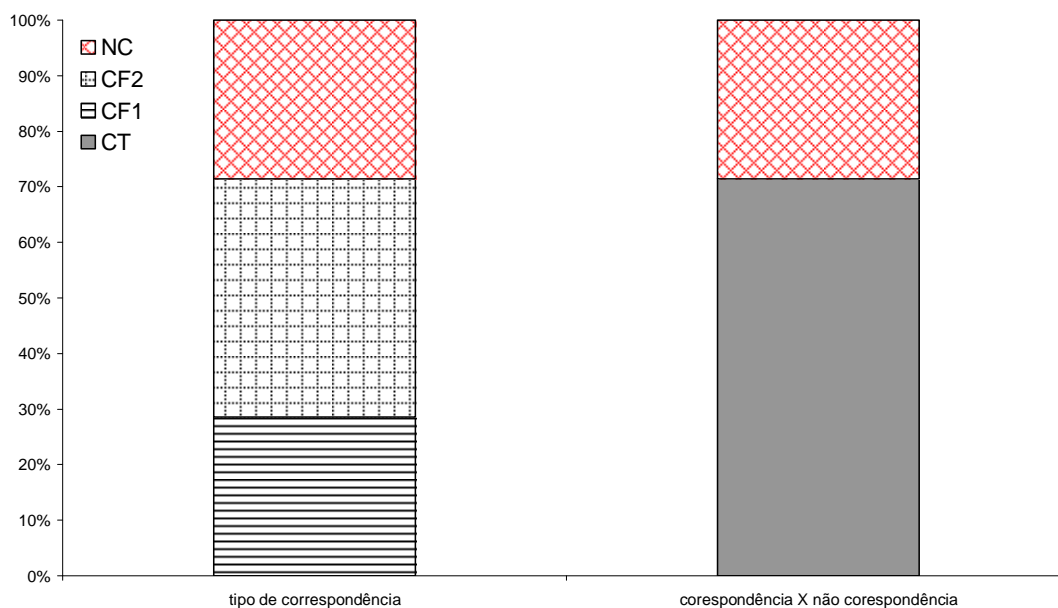


Figura 05. Porcentagem do tipo de correspondência de futura, e correspondência futura X não correspondência, encontradas na entrevista 2

A Figura 6, a seguir apresenta a variação desempenho do participante, dentro dos três critérios selecionados pela pesquisadora, ao longo das 15 sessões terapêuticas, e a mudança desse desempenho quando ocorre a intervenção (entrevista). Nas 2 primeiras sessões o terapeuta está estável para o critério (1) terapeuta reafirmar ou esclarecer a comunicação anterior do cliente, e/ou sugerir como este pode sentir-se em relação a um tópico particular com 19 ocorrências, diminuindo para 11 ocorrências na 3ª sessão; e o critério (3) sobrepõe sua fala a fala da cliente, e também se encontra estável nas 2 primeiras sessões com 14 ocorrências, diminuindo para 12 ocorrências na 3ª sessão; já o critério (2) analisa algum comportamento do cliente, e/ou ensina-o a fazer uma análise, oscila entre 44, 41 e 48 ocorrências nas sessões 1, 2 e 3 respectivamente. Quando a pesquisadora faz a 1ª intervenção (como indica a 1ª linha vertical contínua), apenas sobre o critério 1, nota-se um aumento nesta categoria para 26 ocorrências já na 4ª sessão. Oscila entre 27 e 25 na 5ª e na 6ª sessão respectivamente; apesar da intervenção ter sido feita apenas na categoria 1, no critério 3 também se observou um aumento na ocorrência das respostas desta categoria para 21 na 4ª sessão, estabilizando em 10

ocorrências na 5ª e na 6ª sessões; a categoria 3 continuou oscilando entre 46 e 49 ocorrências na 4ª e na 5ª sessões respectivamente, com um declínio acentuado chegando a 40 ocorrências na 6ª sessão. Na segunda intervenção (como indica a 2ª linha vertical continua), ainda na categoria 1, seguiram-se as sessões 7, 8 e 9; e observou-se que a categoria correspondente continuou aumentando, e estabilizou entre 26, 28 e 27 ocorrências respectivamente; já a categoria 3, mostrou outro aumento acentuado para 17 ocorrências na 7ª sessão, tendo um declive para 10 ocorrências na 8ª sessão e uma recuperação chegando a 16 ocorrências na 9ª sessão; o critério 2 teve sua maior ascendência depois dessa intervenção, chegando a 59 ocorrências na 7ª sessão, que não se manteve na 8ª e 9ª sessões, onde diminuiu chegando a 42 e 37 ocorrências respectivamente. A 10ª, 11ª e 12ª sessões aconteceram depois da terceira intervenção que foi referente ao critério 2 (como indica a 3ª linha vertical continua), que mesmo assim continuou diminuindo chegando ao seu maior declive que corresponde a 26 ocorrências, mas logo teve uma recuperação subindo até 47 ocorrências na 11ª sessão, caindo novamente até 39 ocorrências na 12ª sessão; já a categoria referente ao critério 1, continua apresentando um aumento chegando a 29 e 32 ocorrências na 10ª e na 11ª sessões, com uma pequena queda na 12ª sessão chegando a 30 ocorrências; a categoria 3 obteve outra pequena diminuição na 10ª sessão, mas oscilou entre 12, 15 e 11 ocorrências respectivamente. Na última intervenção (como indica a 4ª linha vertical continua), que foi referente ao critério 3, observou-se o maior declínio referente a essa categoria que chegou a apenas 3 ocorrências na 13ª sessão, e oscilou entre 5 e 4 ocorrências na 14ª e 15ª sessões respectivamente. O critério 1 manteve-se estável até a 14ª sessão, 30 ocorrências, com um pequeno declínio na 15ª sessão que terminou com 23 ocorrências; o critério 2 obteve um aumento na 13ª e 14ª sessões, mas acabou com uma pequena queda na 15ª sessão, acabando com 44 ocorrências.

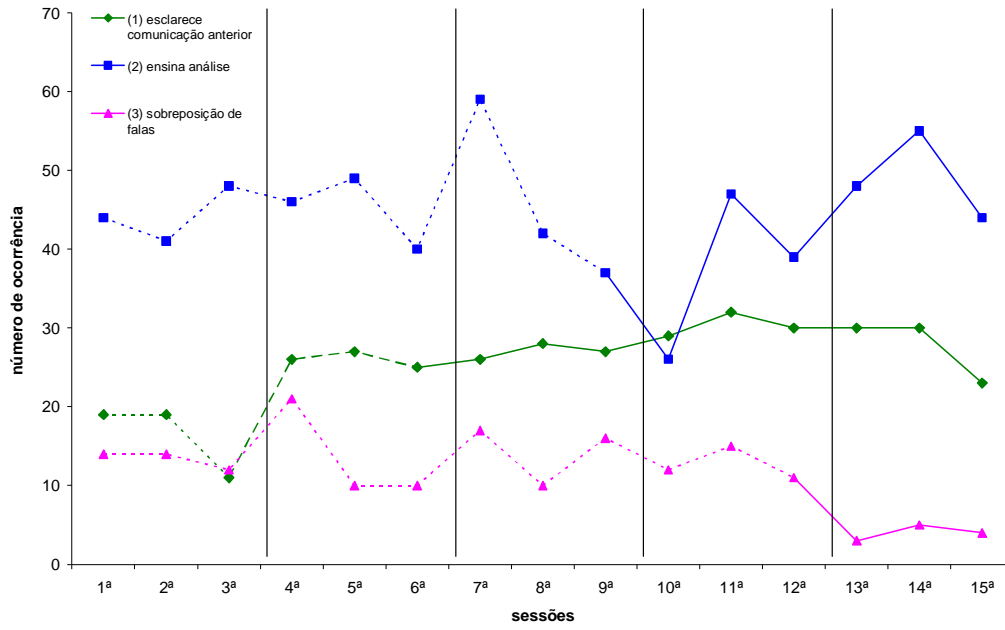


Figura 06. Número de ocorrências por categorias observadas nas quinze sessões terapêuticas. A linha vertical continua indica o momento da intervenção.

DISCUSSÃO

Correspondência entre o dizer e o fazer

O procedimento usado neste estudo foi baseado no estudo de Leme (2005), que também estudou correspondência verbal e não verbal em ambiente natural para atuação profissional de professores, a sala de aula. O presente trabalho investigou a correspondência entre o comportamento verbal e não verbal de um terapeuta em ambiente natural para sua atuação profissional. O objetivo foi analisar as situações em que os relatos mostraram-se, ou não, correspondentes às situações registradas durante a sessão terapêutica e ainda os efeitos que a demanda dos relatos poderia ter sobre três classes de respostas apontadas na literatura como importantes para o desenvolvimento do trabalho clínico.

Para isso a pesquisa de Wielenska (1989) foi usada como base, pois nela a pesquisadora gravava as sessões de supervisão, transcrevia-as e relatava ao terapeuta, para então questioná-lo, assim como no presente estudo. Banaco, Zamignani e Kovac (2001) também adotaram um procedimento parecido com o do presente estudo, gravando as sessões terapêuticas e depois as mostrando ao terapeuta para também então questioná-lo a respeito de seus comportamentos encobertos (pensamentos e sentimentos) ocorridos durante a sessão terapêutica.

Os resultados encontrados neste estudo, corroboram com os resultados encontrados por Leme (2005) para comportamentos passados, que indicou haver uma quantidade maior de comportamentos correspondentes (consideradas as correspondências topográficas – totais ou parciais – e

funcionais) do que não correspondentes. Nas 4 entrevistas realizadas pela pesquisadora, em 3 delas constatou-se maior número de relatos correspondentes do que não correspondentes. A única entrevista que não apresentou nenhum relato correspondente apenas quanto à função do critério investigado (sobrepõe sua fala a fala da cliente), ainda assim demonstrou 61,54% de correspondência de conteúdo entre o relato que o terapeuta fez sobre a sessão e o conteúdo observado em suas intervenções (Figura 02).

O que difere os resultados aqui encontrados dos de Leme (2005), é que o presente estudo não apresentou nenhuma correspondência topográfica (CT). Leme (2005) discute que esse tipo de correspondência acontece quando o indivíduo apresenta uma resposta de auto-observação precisa para um determinado comportamento, e que os estímulos resultantes dessa auto-observação controlaram o relato.

Os relatos classificados como CP1, CP2 e CP1,2, demonstram a ocorrência de respostas de auto-observação parciais – nos casos classificados como CP1 em que o terapeuta descreve outras respostas, além daquelas efetivamente emitidas. Os classificados como CP2, em que o participante descreveu apenas parte dos comportamentos observados; e nos casos classificados como e CP1,2, o terapeuta relatou outras repostas além da emitida (como em CP1), mas também deixou de relatar algumas (como em CP2) – ou emitiu descrições imprecisas.

A categoria CF, diz respeito à correspondência funcional, em que as respostas do terapeuta podem não terem sido idênticas topograficamente, mas tiveram a mesma função, isto é, levaram ou em tese levariam o cliente a se comportar da mesma maneira em função dessa intervenção. Essa formulação

tem sido relatada na literatura como funcionalidade presumida (Zamignani, 2007) e neste caso foi levada em consideração a partir da verbalização do terapeuta. Esta foi à categoria que mais ocorrências foram verificadas neste trabalho, apontando que o terapeuta pode ficar mais sob controle do comportamento do cliente, do que sob seu próprio comportamento (Figura 04).

As Tabelas de 2 a 6, que encontram-se em anexo, permitem uma análise mais detalhada de alguns aspectos das situações em que houve ou não correspondência entre o comportamento observado e o comportamento relatado, já que estes apresentam a fala antecedente e conseqüente da cliente, para o comportamento do terapeuta observado, e assim como foi observado com professores em Leme (2005), observou-se que alguns dos relatos emitidos e classificados como NC foram correspondentes a respostas emitidas pelo terapeuta em situações diferentes daquelas sobre as quais ele foi questionado. No entanto, a classificação não foi alterada, assim como Leme (2005), já que a resposta observada contingente àquela situação sobre a qual se fez à pergunta foi outra. Observam-se estas relações em: Tabela 2, ocorrências III; Tabela 3, ocorrências V, VII, VIII, IX e XI; Tabela 4, ocorrências VII E XII; e Tabela 5, ocorrências III e XIII (quanto ao seu conteúdo).

O que chama atenção aqui é grande quantidade de ocorrências que aconteceram em outras situações na entrevista 1 – B, Tabela 3, das 6 situações que não apresentaram ocorrências; em 5 delas o terapeuta havia emitido aquele comportamento em outra situação. Pareceu também que o terapeuta estava sob controle do procedimento usado neste estudo, o que foi questionado por ele (“no fim a gente descambou de falar disso até o fim da

sessão quase, e eu não sei se foi uma boa coisa. Eu acho que eu não perguntaria de mim”). Isto aparece no Tabela 3, ocorrências VIII, IX e XI.

A entrevista 3, onde não aconteceu nenhuma correspondência, também precisa ser analisada. O critério usado nesta entrevista, como já foi dito acima, foi o terapeuta sobrepor sua fala a fala do cliente. Apesar do terapeuta não ter relatado em nenhuma das situações nas quais isso ocorreu, durante a entrevista ele relata a contingência em vigor (“Nossa eu interrompi ela a sessão inteira, que horror!”). Se a análise enfocasse apenas o conteúdo do relato, haveria 61,54% de correspondência (Figura 02). Este resultado pode ser contraposto àqueles obtidos por Sousa (2006) que mostram quanto maior a exposição prévia ao número de tentativas antes da introdução das solicitações de relatos, maior a quantidade de respostas de informação e de relatos corretos sobre a contingência. No entanto, a tarefa estudada por Sousa (2006) era muito mais estruturada e simples do que aquela apresentada a um terapeuta durante uma sessão de atendimento clínico.

Em relação à correspondência entre comportamento verbal futuro, os resultados aqui encontrados corroboram com os encontrados por Leme (2005), que indicam haver maior correspondência entre comportamentos relatados e observados, do que não correspondentes.

Delineamento de base múltipla

Um dos objetivos do trabalho aqui foi verificar se ocorreu mudança no comportamento do terapeuta, manipulando apenas a introdução da solicitando de relatos sobre o que o terapeuta estava fazendo, tentando usar

para isso um delineamento de linha de base múltipla em uma clínica terapêutica. Porém, assim como em todo estudo realizado em ambiente natural, principalmente em atendimento clínico, neste estudo são muitas as variáveis que não se conseguiu controlar. O tempo de cada sessão terapêutica, por exemplo, não foi manipulado, observando-se sessões que duraram entre 48 e 61 minutos. Isto pode também ter interferido no número de ocorrência das categorias. Poder-se-ia argumentar que o cálculo de taxas de respostas poderia solucionar este problema, mas dadas às durações tão distintas entre cada oportunidade de ocorrência esta transformação da medida não pareceu útil, além de falaciosa.

Assim, a espera da frequência de uma categoria estabilizar, para em seguida ser feita à intervenção, poderia ser infinita. Por isso, optou-se por um intervalo de 3 sessões para que o delineamento prosseguisse com a próxima intervenção.

Nos manuais sobre atendimento clínico usados como fontes de recomendações de comportamentos aos quais o terapeuta deveria atentar para o presente trabalho, como Hackney e Nye (1973/1977), Kohlenberg, R. J. e Tsai, M. (1991/2001) e Zaro, J. S., Barach, R., Nedelman, D. J., Dreiblatt, I. S. (1977/1980), encontram-se apontamentos de que algumas situações que acontecem na condução de uma sessão terapêutica ajudam no bom andamento do atendimento. Alguns dos comportamentos são necessários que ocorram, e que aumentem em frequência, tais como os que propõem os critérios (1) “esclarecer a comunicação anterior do cliente” e (2) “ensinar o cliente a fazer uma análise”, e outros que seriam prejudiciais, portanto que

deveriam não ocorrer ou ocorrer em frequência mínima, tal como a situação que propõe o critério (3), “o terapeuta sobrepõe sua fala a fala do cliente”.

Os estudos de Alves (2003), Oliveira (2005) e Souza (2006) mostraram também, que a introdução da solicitação de relato sobre o responder exigido, pareceu mudar o desempenho sobre a resposta em questão. Porém, as pesquisas referidas acima não apontaram para a mesma direção, isto é, o primeiro autor concluiu que relatos de descrição sobre a tarefa pode melhorar o desempenho desta; já a segunda autora mostrou que os participantes que tiveram menos chance de relatar o que estavam fazendo, foram os que melhor conseguiram resolver o problema proposto; e finalmente o terceiro autor verificou que quanto maior a exposição prévia ao número de tentativas antes da introdução das solicitações, melhor o desempenho na tarefa não verbal, e maior a quantidade de respostas de informação e de relatos corretos sobre a contingência.

Neste estudo, o primeiro critério que sofreu intervenção foi o critério (1). Percebe-se um aumento imediato e consistente em sua ocorrência após a intervenção da pesquisadora, e parece que apresenta uma tendência a continuar aumentando até a 11^a sessão, onde sofre uma pequena queda em relação à sessão anterior, ficando estável até 14^a sessão e na última sessão apresenta outra pequena queda. O que é preciso discutir aqui, como já foi dito acima, é que em um atendimento clínico existem outras variáveis às quais o pesquisador não tem controle. No entanto, este resultado pode vir de encontro com os resultados encontrados por Alves (2003) que indicam que solicitação de relato sobre a tarefa realizada pode melhorar seu desempenho.

O segundo critério que sofreu intervenção foi o critério (2), que oscilou durante toda a coleta de dados, mas que pareceu aumentar, depois da 1ª intervenção, e sempre depois que uma intervenção acontecia, sendo ela referente a sua categoria ou não.

O último critério a sofrer intervenção foi justamente aquele cujo objetivo seria diminuir a sua frequência. Assim como aconteceu com o critério 2, sempre nas duas primeiras intervenções que foram referentes ao critério (1), percebeu-se um aumento de mais de 50% nesta categoria, com uma pequena diminuição durante a terceira intervenção (critério 2), e uma queda acentuada quando a intervenção foi referente ao próprio critério. Este resultado vem de encontro com os resultados de Sousa (2006) que relatam que quanto maior a exposição prévia ao número de tentativas antes da introdução das solicitações, melhor o desempenho na tarefa.

A especulação que se faz aqui também seria de quanto mais definida funcional e topograficamente uma categoria, mais fácil para o participante identificar a contingência em vigor durante a intervenção da entrevista, e assim poder demonstrar correspondência entre o responder e o relato sobre o responder.

O presente trabalho demonstrou que a situação clínica pode também ser beneficiada por estudos de correspondência entre os comportamentos exibidos durante a sessão terapêutica e a oportunidade de relatá-los em sessões de coleta de dados (como no caso de Banaco, Zamignani e Kovac, 2007) quanto de supervisão clínica (como nos casos de Wielenska, 1989 e de Moreira, 2001). Novas pesquisas deveriam ser realizadas, tentando obter um controle

maior na escolha dos critérios que vão compor as categorias mensuradas (funcionalmente e topograficamente). O método utilizado com este cuidado pode demonstrar mais claramente com o delineamento de linha de base múltipla que o efeito da entrevista que utilizava a apresentação do relato do ocorrido e a contraposição com o que havia ocorrido de fato teve uma interferência no sentido positivo apontado na literatura como uma boa aquisição de repertório clínico. Isto pode representar um bom desenvolvimento de métodos de treino e supervisão clínicos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Alves, A. M. S. (2003). Efeitos da solicitação de relatos sobre resolução de problemas no desempenho de escolher: uma replicação de Simonassi, Tourinho e Silva (2001). Dissertação de Mestrado defendida no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Experimental da PUC-SP. São Paulo-SP.

Andery, M. A. P. A. (2001). "Notas para uma revisão sobre comportamento verbal". In: Guilhardi H. J. (org.). *Sobre Comportamento e cognição: Expondo a variabilidade*, vol.7. (pp. 372-386). Santo André, SP: ESETec.

Banaco, R. A., Zamignani D. R. e Kovac, R. (2001). O estudo de eventos privados através de relatos verbais do terapeuta. In: Banaco, R. A. (org.). *Sobre comportamento e cognição*, vol.1. (pp283- 295). Santo André,SP: ESETec.

De Rose, J. C. (2001). "O relato verbal segundo a perspectiva da análise do comportamento: Contribuições conceituais e experimentais". In: Banaco, R. A. (org.). *Sobre comportamento e cognição*, vol.1. (pp146-161) Santo André,SP: ESETec.

Hackney, H. e Nyo, S. (1973/1977). *Aconselhamento: Estratégias e Objetivos*. Trad. Márcia Barbosa Alves. São Paulo, EPU.

Kohlenberg, R. J. e Tsai, M. (1991/2001). *Psicoterapia Analítica Funcional: Criando relações terapêuticas intensas e curativas*. Trad. Rachel Rodrigues Kerbauy. Santo André, ESETec.

Leme, R. C. (2005). *Correspondência Verbal: A relação entre os comportamentos verbal e não verbal de professores em sala de aula*. Dissertação de Mestrado defendida no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Experimental da PUC-SP. São Paulo-SP.

Moreira, S. B. da S. (2001). *Descrição de algumas variáveis em um procedimento de supervisão de terapia analítica do comportamento*.

Dissertação de Mestrado defendida no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Experimental da PUC-SP. São Paulo-SP.

Oliveira, B. F. L. (2005). Efeito de contingências programadas na construção de descrições de contingências: uma replicação de Simonassi, Tourinho e Silva (2001) e Alves (2003). Dissertação de Mestrado defendida no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Experimental da PUC-SP. São Paulo-SP.

Ribeiro, A. de F. (1989). Correspondence in children's self-report: tacting and manding aspects. *Journal of the Experimental Analysis of Behavior*, 51, 3, 361-367.

Risley, T. R. e Hart, B. (1968). Developing correspondence between the non-verbal and verbal behavior of preschool children. *Journal of Applied Behavior Analysis*, 1, 4, 267 - 281.

Skinner, B. F. (1974/1980). *O Comportamento Verbal*. (Trad. Maria da Penha Villalobos). São Paulo, Cultrix.

Skinner, B. F. (1957/1978). *Sobre o behaviorismo*. (Trad. Maria da Penha Villalobos). São Paulo, Cultrix.

Sousa, A. S. (2006). Efeitos de comportamentos de informar e descrever sobre desempenho em uma tarefa de escolha conforme o modelo. Dissertação de Mestrado defendida no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Experimental da PUC-SP. São Paulo-SP.

Wielenska, R.C. (1989). *A Investigação de alguns aspectos da relação terapeuta-cliente em sessões de supervisão*. Dissertação de Mestrado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo-SP.

Zaro, J. S., Barach, R., Nedelman, D. J., Dreiblatt, I. S. (1977/1980). *Introdução à prática psicoterapêutica*. Trad. Lúcio Roberto Marzagão, Revisão científica Samuel Pfromm Netto. São Paulo, EPU.

ANEXOS

Termo de Consentimento do Terapeuta para Pesquisa

1. DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DO TERAPEUTA

NOME DO TERAPEUTA:

DOCUMENTO DE IDENTIDADE Nº:

SEXO:

DATA NASC: / /

ENDEREÇO:

Nº:

APTO:

BAIRRO:

CIDADE:

UF:

CEP:

TEL.: DDD: () /

Proposta de Pesquisa

Estamos realizando uma pesquisa em Psicologia Clínica, cuja proposta é estudar as variáveis que interferem no processo terapêutico. Para o desenvolvimento da pesquisa, é necessária a colaboração de terapeuta e cliente que estejam dispostos a serem participantes. Para isso, é preciso que o terapeuta e o cliente estejam de acordo com as seguintes condições e garantias propostas a partir de códigos de ética do Conselho Nacional de Saúde:

- a) Quinze sessões de terapia serão gravadas e transcritas;
- b) Será possível o esclarecimento de dúvidas sobre o trabalho realizado, antes e durante a pesquisa, sempre que considerar necessário;
- c) Haverá a liberdade de recusar ou abandonar a participação em qualquer fase da pesquisa.
- d) Haverá sigilo do nome do terapeuta e do cliente, e sobre todas as informações fornecidas tanto na sessão clínica, como na entrevista, assim como de dados que possam identificá-los, não podendo ser explicitados em nenhuma circunstância. As características pessoais de ambos os participantes serão modificadas, para garantir que não haja a indicação da identidade;
- e) Os dados coletados serão utilizados exclusivamente para fins científicos, de pesquisa, e, portanto não serão feitos aproveitamentos pessoais dos materiais coletados.
- f) Não haverá nenhum dano físico ou psicológico a nenhum dos participantes.

SÃO PAULO, DE 2007.

TERAPEUTA

PESQUISADORA: MOEMA GALINDO DE A. PINTO

RG

CRP:

Tel. de contato: ()

ORIENTADOR: ROBERTO ALVES BANACO

RG.

CRP:

Tel. de contato: ()

Termos de Consentimento do Cliente para Pesquisa

1. DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DO CLIENTE OU RESPONSÁVEL LEGAL

NOME DO CLIENTE:

DOCUMENTO DE IDENTIDADE Nº:

SEXO:

DATA NASC: / /

ENDEREÇO

Nº:

APTO:

BAIRRO:

CIDADE:

UF:

CEP:

TEL.: DDD: ()

Proposta de Pesquisa

Estamos realizando uma pesquisa em Psicologia Clínica, cuja proposta é estudar as variáveis que interferem no processo terapêutico. Para o desenvolvimento da pesquisa, é necessária a colaboração de terapeuta e cliente que estejam dispostos a serem participantes. Para isso, é preciso que o terapeuta e o cliente estejam de acordo com as seguintes condições e garantias propostas a partir de códigos de ética do Conselho Nacional de Saúde:

- a) Quinze sessões de terapia serão gravadas e transcritas;
- b) Será possível o esclarecimento de dúvidas sobre o trabalho realizado, antes e durante a pesquisa, sempre que considerar necessário;
- c) Haverá a liberdade de recusar ou abandonar a participação em qualquer fase da pesquisa.
- d) Haverá sigilo do nome do terapeuta e do cliente, e sobre todas as informações fornecidas tanto na sessão clínica, como na entrevista, assim como de dados que possam identificá-los, não podendo ser explicitados em nenhuma circunstância. As características pessoais de ambos os participantes serão modificadas, para garantir que não haja a indicação da identidade;
- e) Os dados coletados serão utilizados exclusivamente para fins científicos, de pesquisa, e, portanto não serão feitos aproveitamentos pessoais dos materiais coletados.
- f) Não haverá nenhum dano físico ou psicológico a nenhum dos participantes.

SÃO PAULO, DE 2007.

CLIENTE

PESQUISADORA: MOEMA GALINDO DE A. PINTO

RG

CRP:

Tel. de contato: ()

ORIENTADOR: ROBERTO ALVES BANACO

RG.

CRP:

Tel. de contato: ()

Tabela 2: Comparação entre as respostas do comportamento do terapeutas relatado com o comportamento observado – passado – na entrevista 1 – A.

Identificação da situação	Resposta do terapeuta		Resposta do Cliente	Classificação do relato quanto à correspondência	
	Situação Antecedente	Relatado			Observado
I	<p>C: “Ele é o foco da, as minhas conversas sempre são dele, e aqui não é, então eu não sei se isso é bom, ou isso é ruim, ou é essa coisas que eu converso aqui com você”.</p> <p>T: “Entendi”</p> <p>C: “Só que eu não sei nem se o fato é falar dele ou não, mas é que o foco da minha análise, não sei eu fico pensando, por que eu não falo tanto aqui dele quanto eu falo lá fora, sabe”.</p>	<p>Eu devo ter feito alguma pergunta pra ela do que ela tava querendo me falar ou o que ela tava querendo me contar aqui, se ela tinha alguma coisa pra me contar.</p>	<p>“Então, deixa eu ver se eu entendi. É como se, não é se você fala pouco ou dele ou não, é que você pensa mais e fala muito mais dele lá fora e aqui dentro”.</p>	<p>C: Não é nem que eu fico com isso na cabeça, que eu fico em dúvida... é que nem aquele negócio que eu te falei, que eu aumento as coisas, o tempo passa e quando eu vou falar dele eu esqueço. E ai eu não sei, eu não sei, eu não sei se é uma coisa que eu (pausa)</p>	CF2
II	<p>C: “E aqui parece que não é assim, não sei se é porque eu não falo dele desse mesmo tanto, mas é porque eu não sei parece que é uma coisa meio esquisita da minha vida”,</p> <p>T: (tempo) você falou alguma coisa,</p>	<p>Eu provavelmente perguntei pra ela o que que... porque que ela não fala aqui ou por que que muda o assunto aqui, alguma coisa aqui.</p>	<p>Pelo que eu to entendendo você ta falando que a relação que a gente tem aqui é diferente da relação que você tem lá fora?</p>	<p>C: É.</p> <p>T: Dá pra gente começar com isso? (pausa)</p> <p>C: É, não sei, é (pausa)</p>	CF2

III	<p>C: “É, mas eu não se eu quero fazer isso um foco, o Fábio. Eu falei quando eu comecei a vir pra cá, eu falei pro Beto, o Beto falou ‘Ah, agora você só vai ficar falando dele’, ai eu falei ‘Não sai fora, você acha que eu vou gastar 50 minutos falando dele’ (ai você ri também), só que, tipo falando dele, vou ficar me sentindo uma idiota, eu vou ficar toda semana lá indo lá falar dele, até eu vou pensar que sou idiota. Só que tem horas que incomoda, sabe, então”. (silêncio) C: “não sei”.</p>	<p>ai provavelmente eu falo alguma coisa do tipo, Ah! Então aqui a gente pode falar do que quiser.</p>	<p>Porque você me falou, que é preferência trazer isso pra cá, fazer a coisa mais analítica, mas ao mesmo tempo você não quer gastar esse tempo, ao mesmo tempo você tem medo de esquecer e falar de outra coisa, eu não entendi”.</p>	<p>C: Não, não é que eu não queria mesmo colocar isso como prioridade na minha vida, tem mil coisas na minha vida, e eu acho, eu comecei agora pensando, eu comecei a perceber que aqui eu comecei a enxergar coisas que eu não via a muito tempo, sabe</p>	<p>NC</p>
IV	<p>vocês estão falando se é importante ou não ela trazer isso pra cá, porque ela vai ficar falando dele aqui e ele nem se lembra que ela existe, e ai ela vai ficar o tempo inteira dela falando disso, e ai ela não vai se sentir bem, ai você diz que isso não é importante pra ela falar dele aqui. T: “É, não é importante ou você não quer que pareça que é importante? É quase como se não tivesse importância isso pra você”. C: “Não pode, não pode” T: “Mas é”, você afirma. C: (resmungando).</p>	<p>Ah, eu acho que eu perguntei pra ela o, se ela não percebia isso, que ela tava me dizendo, porque ficou uma coisa assim, ela dizia que era importante, mas ela dizia que não era ao mesmo tempo, ai eu falei, “Bom eu tô percebendo que é importante, você tá falando disso hoje, você escolheu pra falar disso hoje”, ai quando ela começou a falar que era, eu falei “Então se é, como é que era, como é que fica isso. Afinal é importante ou não é importante, você quer falar disso ou você não quer falar disso?”</p>	<p>Você me diz que é, depois me diz que não é. Eu vou pegar o que você me falou quando você entrou aqui, falou alguma coisa do tipo “Isso é uma coisa que eu penso o tempo inteiro, que eu conto o tempo inteiro, que eu falo o tempo inteiro, e a minha vida gira em torno disso na escola”. Não é um dado importante isso?</p>	<p>C: É. Mas e se isso, sei lá, já virou um hábito assim? E sei lá, eu comecei a gostar dele e comecei a viver assim, não sei o que, não sei o que...</p>	<p>CF2</p>

Tabela 3: Comparação entre as respostas do comportamento do terapeutas relatado com o comportamento observado – passado – na entrevista 1 – B.

Identificação da ocorrência	Resposta do terapeuta			Resposta do Cliente	Classificação do relato quanto à correspondência
	Situação Antecedente	Observado	Relatado		
		Observado	Relatado		
I	C: “Eu não sei, eu não tenho vontade de falar sabe. Às vezes de fazer um comentário “Ah, hoje eu fui nuns lugares, foi tão legal”, ou então virar e falar “Ah, tá tão difícil à faculdade”, sabe alguma, não que eu tenha vontade de virar e falar assim “Ah então, o Beto, a gente terminou, mas ele num sei que”, tanto que quando o Beto ligava lá em casa louco, falando que ia me matar, a minha mãe perguntava “O que que tá acontecendo?” e eu não queria falar sabe, tipo, eu acho que eu acabo ficando incomodada”	<ul style="list-style-type: none"> • ai eu continuei perguntando o que ela tava querendo dizer com isso, o que que era se sentir usada, o que ela queria perguntar pros pais, o que eles perguntavam pra ela, coisas. 	“Entendi. Mas eu não tô entendendo essa questão de você não querer falar, mas ao mesmo tempo se incomodar deles não te ouvirem. Como é que fica isso?”	C: Então... (pausa 2”) eu... eu acho que eu sinto falta dele se interessando, sabe tipo, porque ninguém pergunta pra mim “Ai e a faculdade como é que tá?”, “E ai, tá namorando?”, sabe ninguém	CF1

II	<p>C: Só que eu gosto que as pessoas tenham iniciativa, hoje a Luciana falou assim pra mim, ela veio até aqui comigo e falou: Eu acho que você cobra muito das pessoas, você quer muita iniciativa das pessoas. E às vezes você pressiona as pessoas, e às vezes as pessoas tem o tempo delas. Não sei sabe, eu acho que isso não tem muito haver com os meus pais, eu acho que é isso que eu queria dele sabe, deu ter que virar e falar: Ah, estou super cansada da faculdade. Da minha mãe virar e falar "Ah filha, você tá chegando tarde né? E como é que tá a faculdade, você tá estudando bastante? Acho que é isso.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • eu perguntei se ela sentia que ela pressionava as pessoas, ou alguma coisa sobre como a Luciana se sentiu, alguma coisa assim. 	<p>"Péra ai, deixa eu entender uma coisa. Você disse que você não quer cobrar iniciativa, mas ai disse que a Luciana acabou de te dizer que você faz isso...</p>	<p>C: É T: Então acho que eu não entendi, o que que você efetivamente faz, você cobra ou você não cobra? C: Eu cobro, eu cobro...</p>	<p>CF2</p>
III	<p>T: "Foi o que você me falou na semana passada que você percebeu que às vezes é evasiva e aquela coisa e tal". C: "Só que eu faço isso porque eu acho que eu preciso fazer, mas eu não queria precisar. E não sei se eu me sinto bem no papel de carrasca que precisa cobrar e ficar falando, ontem eu fiquei no bar: Que horas são?, me ouve! Sabe, tipo, acho que isso não é uma coisa que a gente tem que pedir né?"</p>	<ul style="list-style-type: none"> • eu devo ter perguntado alguma coisa sobre o efeito que isso produz, ou qual a função disso. 	<p>"Então o que tá te incomodando na verdade no seu temperamento é você ter que pedir esse tipo de coisa. É isso?"</p>	<p>C: É. T: Na faculdade e na sua casa? C: É.</p>	<p>NC</p>

IV

T: “É, como é que ai ser sua relação com elas, ia ser diferente, como é que ia ser? (pausa)

C: “Não sei, eu acho que eu ia me sentir mais tipo... Ela fala “Não péra! Ah não sei, eu acho que diretamente a mim assim, não ia me afetar”.

- eu falei uma coisa pra ela do tipo, que ela tava esperando das pessoas uma coisa, mas ao mesmo tempo ela gostava das pessoas justamente desse jeito.

- daí eu perguntei pra ela como é que ia ser a relação dela com as pessoas se as pessoas ficassem autônomas.

- eu disse alguma coisa assim bom, não sei, eu acho que de alguma forma você tem relações desse tipo na tua vida, e você não tem relações com pessoas que não são autônomas, você reclamou justamente disso, de ter muita passividade. E eu não vejo você ter relações com pessoas que não sejam autônomas, como é que é que você ia se sentir com esse tipo de pessoa? Eu acho que eu dei uma retomada e perguntei isso pra ela.

“Como é que você imagina? Porque você diz que isso é algo que te incomoda muita. Que as pessoas não tem autonomia, delas serem muito passivas, de que de alguma forma você precisa cobrar iniciativa delas pra elas fazerem o que você quer. Como é que ia ser se elas fossem realmente autônomas e se elas não viessem te perguntar, o que você imagina? Como você quer que essas relações cheguem?”

C: Ah não sei, eu ia te (pausa 2”), não sei meus pais iam prestar mais atenção em mim, eu não ia passar em branco, ai na faculdade eu ia ter que, não sei eu acho que eu não ia ter que ficar preocupada pelos outros, isso, eu não ia ter que ficar preocupada com a gente tem trabalho pra fazer, mas a Camila não toma iniciativa, eu preciso ir lá, fazer um resumo do texto e falar pra ela “Oh, você faz tal coisa”, não ia ter que ficar gritando na minha casa que ninguém dá atenção pra mim, não ia ter que grudar no Fábio no meio da festa e ficar chorando e falar “Olha, desculpa, mas faz alguma coisa, sabe”, eu acho que eu não ia ter que como diz a Luciana pressionar as pessoas.

CP1

V	<p>quando ela fala que não vai suportar</p> <p>T: "Você acha?";</p> <p>C: "É, pensando assim... pensando assim por exemplo, se eu tivesse um namorado super autônomo, eu acho que eu já sei, eu acho que eu não dou conta, de tipo, namorar um cara mais velho, que não precise de mim, que seja comigo porque gosta de mim, não porque precise de mim. Eu acho tipo que eu não dou conta disso, eu acho que eu ainda sou muito insegura pra te pessoas que não precisam de mim perto de mim, mas eu queria ter isso"</p>	<p>eu perguntei pra ela o que deixa ela insegura nessas pessoas ou porque que ela precisa de pessoas dependentes, alguma coisa nesse sentido.</p>	<p>"Agora você tá falando de um processo. De alguma forma você tá dizendo e eu tô entendendo isso, você tem que me falar o que você acha, se faz sentido ou não. Se tá dizendo que de alguma forma isso que tá acontecendo hoje faz sentido, você tá reforçando as coisa certas porque de alguma forma faz sentido ter as pessoas perto de você e de alguma forma é gostoso isso. Mas ao mesmo tempo isso tá te incomodando porque fica um peso muito grande pra você carregar. No sentindo assim, você tem que ouvir, você tem que meio que fazer a mediação entre os seus pais, você tem que correr pra te dizer as reclamações dele, você tem que ajudar a cuidar do teu irmão, você tem que se responsabilizar pelos trabalhos todos, você tem que ouvir o que as suas amigas tem pra te dizer. É mais ou menos isso?"</p>	<p>C: E na hora que eu preciso não tem deles.</p>	NC
---	---	---	--	---	-----------

VI	<p>T: “Tipo você tava falando do Fábio?”</p> <p>C: “É, sem condições. Mas ai, tipo num sei sabe, eu fiquei pensando, é uma coisa que eu sempre achei legal em mim: Nossa eu vejo o interior das pessoas, legal, eu valorizo o interior das pessoas, só que ai eu fiquei pensando será que eu valorizo o interior das pessoas ou eu gosto delas porque eu acho que elas são menos do que eu. E ai, eu fiquei muito chateada com isso, eu fiquei muito triste, agora eu to pensando muito, muito, muito, muito nisso. Nossa eu não sou uma pessoa legal, eu sou uma pessoa horrível que gosta das pessoas porque eu acho que elas são menos do que”</p>	<p>eu acolhi, alguma coisa do tipo: Que bom que você tá dizendo isso, e eu perguntei o que era ser menos que as pessoas, alguma coisa nesse sentido.</p>	<p>“Calma, pêra ai. Você me falou um monte de coisa agora, e eu tô um pouco confuso, ai ela dá risada, então me ajuda a entender isso. Você começou dizendo que foi difícil pensar nas coisas da semana passada”. Ela fala “É”, você continua “Que você percebeu que quando você começava a pensar na sessão, ou em mim você ficava mais agitada. Ai você tava falando da festa, que você teve a festa que você pediu pra não ter, mas que eles fizeram e você na hora ficou feliz porque você era querida, mas depois você ficou com raiva porque você ficou pensando que você não faria isso por nenhum deles”, e ela fala “É, e tipo por que você é querida”. E você continua “É, bom por que gostar tanto de você. E agora você tá me falando que você não gosta das pessoas pela beleza interior, mas sim porque elas são menos que você”. Essas pessoas que fizeram a festa você sente que são menos que você ou não?”</p>	<p>C: E agora eu tô sentindo que parece que elas gostam mais de mim do que eu gosto delas, é que não que me faz melhor, é que... é eu acho que é meio assim mesmo, parece que eu não tenho vontade.</p>	CP2
----	---	--	--	---	------------

VII	<p>T: “Carol mas faz todo sentido você ficar insegura e não querer pensar nisso, e que bom que você tá trabalhando isso hoje, porque não é fácil mesmo”</p> <p>C: “É né, porque eu só tô vendo coisa ruim”,</p> <p>T: “É, não é fácil você olhar pra você e enxergar algumas coisas desse tipo. Eu acho que a gente tá aqui justamente pra tentar resolver isso, pra entender o que acontece”</p> <p>C: “É...”</p> <p>(pausa.)</p>	<p>Eu tava perguntando sobre os meninos do elevador, ai eu queria entender porque que ela tinha ficado tímida ou porque ela tinha pensado nessas pessoas.</p> <p>eu continuei perguntando pra ela, o que acontecia em situações novas, o que que existia nas pessoas que fazia ela ficar insegura, que tipo de pessoa deixava ela insegura, que tipo não deixava uma coisa assim.</p>	<p>“Mas você tava me falando de que isso é num primeiro momento, que essa situação é, que se você ficasse lá você ia acabar se soltando e ia acabar tudo bem. Mas você me disse que todas as suas relações são com pessoas que de alguma forma são com pessoas menores”.</p>	<p>C: Que eu me sinto maior!</p>	<p>NC</p>
-----	--	---	--	----------------------------------	------------------

VIII

ela fala “É, então... tem, mas... eu sempre tipo, fico procurando coisa ruim. Por exemplo, a Tatina é super dedicada sabe, eu acho ela muito melhor do que eu, nem isso sabe, eu acho isso mó legal nela “Olha, ela é dedicada que legal”, só que ai eu não gosto de falar tudo com ela, eu não falo de tudo com ela, e daí sei lá sabe, ela tem, ela é mó noiada de comida e eu não sou, mas ai eu falo de comida com ela só pra, eu não sei se eu posso falar que é só pra ela ficar se sentindo menos porque eu não sei se é por isso, eu acho que não, mas, uma coisa num sei sabe, meio naturalmente. Eu tenho muito mais interesse em falar de tudo com a Thaísa, que é do meu nível assim, que se esforça o mesmo tanto, do que com a Tatina que falta uma semana na aula pra estudar pra prova. Daí, mas, eu vejo muitas coisas boas nas pessoas assim, o Beto sei lá sabe, tipo, hoje em dia, num sei, que ele é uma pessoa que sai bastante, se diverte tem vários amigos, e que sabe, que ele sabe assumir as coisas ruim dele muito fácil, eu acho isso muito legal nele, só que ai eu fico com raiva sabe, ai eu quero, eu boto ele pra baixo. Mas não o Roberto, do Roberto não da pra dar exemplo porque o Roberto é outra coisa, eu saboto ele e ele me sabota. Sei lá com a Milena sabe, ela é a mais popular da psico, e tem vários amigos num sei que, e ai quando a gente vai falar de amigos eu fico acuada, eu não gosto de falar sabe. Mas eu vejo muita coisa boa nela também, ah não, só isso, risos, mas...

eu perguntei em algum ponto se ela, como é que ela se sentia comigo, se eu era pior ou melhor que ela.

“Mas eu não tô nem pensando na questão de você ver ou não coisas boas, mas no que você me falou de que parece que a pessoa sempre é um pouco menos, seus melhores amigos, nas pessoas que convivem com você. Tem alguém que você não tem essa sensação no geral? Que você se relaciona”?

C: Até tem... tem mas... tem, tem... a Tati, tipo. Tem a Tati assim, pelo menos eu pensei, eu acho que ela é de igual comigo, só que ai, eu fico tentando fazer coisa pequena se transformar em coisa importante, sabe, eu sei que ela é de igual pra mim sabe, e tipo ela tem muito mais coisa boa do que eu, só que ai sei lá sabe, eu fico “Só que a Tati, pô ela fez 4 anos de cursinho, ela não se esforça, sabe. Pelo menos eu já tô no 3º ano da faculdade”. Entendeu? E eu acho, assim sinceramente, eu acho que a Tatina, a Camila, a Bia, tipo elas são assim, lógico, não é que elas são assim um lixo sabe, eu acho que elas tão no mesmo nível do que eu, eu acho que elas são boas o bastante, eu não sei por que, eu te falei isso uma vez, mas eu vejo só o lado ruim das coisas, e ai eu fico só me focando nas coisas ruins delas, sabe. E ai eu não sei tipo, se fosse pra pensar nas coisas boas delas, eu seria amigas delas, sabe.

NC

IX	<p>C: "Até tem... tem mas... tem, tem... a Tati, tipo. Tem a Tati assim, pelo menos eu pensei, eu acho que ela é de igual comigo, só que ai, eu fico tentando fazer coisa pequena se transformar em coisa importante, sabe, eu sei que ela é de igual pra mim sabe, e tipo ela tem muito mais coisa boa do que eu, só que ai sei lá sabe, eu fico 'Só que a Tati, pô ela fez 4 anos de cursinho, ela não se esforça, sabe. Pelo menos eu já tô no 3º ano da faculdade". "Entendeu? E eu acho, assim sinceramente, eu acho que a Tatina, a Camila, a Bia, tipo elas são assim, lógico, não é que elas são assim um lixo sabe, eu acho que elas tão no mesmo nível do que eu, eu acho que elas são boas o bastante, eu não sei por que, eu te falei isso uma vez, mas eu vejo só o lado ruim das coisas, e ai eu fico só me focando nas coisas ruins delas, sabe. E ai eu não sei tipo, se fosse pra pensar nas coisas boas delas, eu seria amigas delas, sabe". E ai o que você faz?</p>	<p>Eu acho que foi ai que eu perguntei de mim.</p>	<p>"Como assim?"</p>	<p>C: Tipo, não, não faz sentido isso, eu pensar assim. É que eu não sei sabe, se não existisse essas coisa ruins pra pensar delas, só tivesse as coisas boas, eu não sei se eu ia ser amigas delas.</p>	NC
X	<p>T: "E você se pega fazendo isso com tudo mundo?" C: "Ai... Não sei se com todo mundo, mas... com bastante gente..."</p>	<p>Acho que foi ai que eu perguntei de mim então?</p>	<p>"Por exemplo, comigo. Você tava me dizendo que no começo você ficava intimidade porque eu tinha coisa que pareciam melhores.</p>	<p>C: Precisei? Deixa eu pensar. (pausa 4") Eu fiquei tipo perguntando bastante de você pro Marcos</p>	CF2
XI	<p>C: "Precisei? Deixa eu pensar". (pausa) "Eu fiquei tipo perguntando bastante de você pro Marco"s T: "Ah é?" C: "Pra tentar ver se eu achava alguma coisa ruim, mas eu não lembro se eu encontrei, tipo..."</p>	<p>Eu acho que eu continuei perguntando se ela tinha achado alguma coisa de ruim. eu lembro de eu ter retomado muito a situação de a gente tem uma relação de 2 pessoas, e a gente tem uma relação inter-pessoal como você tem com algumas pessoas lá fora, e</p>	<p>"Como assim?"</p>	<p>C: Nossa porque ele viu que eu tava perguntando demais e falou "Nossa, eu não vou te falar coisas da Ju", daí... daí não deu muito certo, mas... não lembro se teve alguma coisa assim tipo... A teve uma coisa da Ju dela</p>	NC

porque quando eu era amiga da Ju, ai eu fiquei tentando sabe, descobrir as coisas más, ai depois, depois... o Marcos não mais na minha, tipo... ele não me ouve muito, ele percebeu sabe”.

o que ela tava querendo dizer com isso tudo.

o que ela tava querendo dizer com isso tudo. você sente que você precisou fazer isso aqui comigo, como é que você se sente aqui comigo? Tipo, eu tava, eu lembro de ficar testando o tempo inteiro se a relação que ela tinha comigo era pior, por isso ela conseguia se relacionar comigo, ou se ela conseguia se relacionar comigo mesmo existindo um grau de hierarquia. Tipo, se valia à regra dela aqui dentro também, ou se a gente podia quebrar a regra?

ter... que eu fiquei bastante irritada, não sei porque, se foi por causa disso, mas eu fiquei muito incomodada, e não sei se tipo...

XII

C: “Não, eu juro pra você que eu não me sinto, te chamo ai... , (ai você ri) vai... (você continua dando risada) te chamo de Paulinho, ‘Ai hoje eu tenho Paulinho, num sei que sabe’. Falo de você com maior carinho sabe, gosto de você, tipo... nunca, pensaria assim em te trocar, mas agora não sei porquê que eu fiquei intimidada (ai ela dá uma risadinha). Não eu não fiquei intimidada, mas é que eu acho que eu tô caindo em contradição, por que ai eu falo, porque como a gente tem uma relação assim, nossa! Não vai, não porquê a gente tem uma relação, boa assim não sei que, se for pensar fora daqui tipo eu acho que porque eu tenho coisas melhor, mas não tem nada sabe. Até porque eu não sei nada da sua vida, eu posso ficar lá imaginando mil coisas mas, não vou saber se você é melhor do que eu em algumas coisas assim, eu acho que eu to em contradição e ai.

o que ela tava querendo dizer com isso tudo.

“Em contradição? Como assim?”

C: Tipo, porque tá, então significa que não te acho pior do que eu. Só que então eu não devia querer ter uma boa relação com você, ou ter essa boa relação comigo, com você. Ai eu não sei, eu acho que, acho que eu fiquei perturbada porque eu cai em contradição.

CF

Tabela 04: Comparação entre as respostas do comportamento do terapeuta relatado com o comportamento observado – passado – na entrevista 2.

Identificação da ocorrência	Resposta do terapeuta		Resposta do Cliente	Classificação do relato quanto à correspondência	
	Situação Antecedente	Relatado			Observado
I	<p>C: “não sei, é meio egoísta só falar do que eu quero, do que eu quero”.</p> <p>T: “você acha que é?”</p> <p>Ai ela fala “acho”, ai você começa a falar com ela</p> <p>T: “Então, o que eu ia te perguntar é assim, parece que você conversa muito das coisas que você se interessa e que você entende?”</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Bom, por quê que ela conversa dessas coisas, por quê que ela não conversa das coisas que, tipo política, economia, esse tipo de coisa. Foi mais ou menos isso. 	<p>“O quanto desse mundo, o quanto desse mundo você já entrou em contato sabe, que você já ouviu as coisas que te... enfim, ou ler sobre revolucionismo, ou... são coisas que te interessa?”</p>	<p>C: Não.</p> <p>T: Então por que você quer saber falar sobre isso?</p> <p>C: Ah não sei, é que se não, eu não me sinto incluída em todas as conversas. E ai tipo, sei lá, acho que fica uma coisa assim meio “Nossa, a Carolina só abre a boca pra falar besteira” sabe.</p>	CF1
II	<p>C: “Não!”</p> <p>T: “Então por que você quer saber falar sobre isso?”</p> <p>C: Ah não sei, é que se não, eu não me sinto incluída em todas as conversas. E ai tipo, sei lá, acho que fica uma coisa assim meio “Nossa, a Carolina só abre a boca pra falar besteira” sabe. Porque eu acho que nunca fiz um comentário inteligente na minha vida assim sabe, se fiz foi um em toda a minha vida, eu não sou uma pessoa inteligente sabe, que faz comentários inteligentes, pertinentes”</p>	<ul style="list-style-type: none"> • O que é uma pessoa inteligente? 	<p>“Mas isso não vem de graça né Carol? O que será que essas pessoas fazem pra fazer comentários desse tipo? Tem um monte de coisas nos bastidores acontecendo.”</p>	<p>C: É que elas se interessam pelo assunto. Só que ai eu me sinto tão alienada, por que será que me interessa só por essas coisas que todo mundo julga, sei lá, superficial, bobo. E sei lá, eu fico pensando, da onde será que as pessoas tiram essas coisas de uma menina lendo um livro russo sobre num sei que sabe?</p>	CF2

III	<p>T: “Então, quando você tava me contando da sua participação na conversa, você falou assim, quando você participa, o que as pessoas tavam conversando que você participa, e quando que você não participa. E aí você me falou uma coisa do tipo, quando... quando as pessoas tão falando de... de as músicas que eu conheço, de TV, ou de algumas histórias de vida, ou de coisas engraçadas, eu participo. E quando você tava me falando das coisas que você não participa, você falou que “Oh, quando as pessoas tão de música, do Caetano, ou quando as pessoas tão falando de política, de alguma coisa de matéria, ou de coisa assim, aí eu fico quieta. Você continua falando.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • eu perguntei alguma coisa assim, o que que tá acontecendo que de algumas coisas você participa e de outras você não participa? 	<p>“E eu tô pensando um pouco nisso Carol, por que que é tão diferente, porque que em um você participa tanto e no outro você não participa nada né? Como é que você vai entrar em contato com essas outras coisas, como é que você vai conhecer essas coisas, até pra você decidir se você gosta ou não gosta, se você acaba não participando, você acaba não perguntando, você e as vezes não sabe nem o que elas tão falando se você não participa, não se envolve com as coisas, né?” Por que você pode não entender e falar “Do que vocês estão falando?, ah me mostra uma música de sei lá quem que você ouve?”</p>	<p>C: É que eu não tenho o menor interesse nisso. Daí, eu juro, eu não tenho o menor interesse, tipo eu escutei 3 músicas do Caetano eu não gosto, eu tenho vontade de dormir, alias esse é o único comentário que eu faço eu falo “Eu tipo, tenho vontade de dormir quando eu escuto ele”, e eu não tenho o menor interesse de sentar aqui e ficar falando de política, do governo Lula. Eu não gosto de falar nem em quem eu voto sabe, porque eu não gosto, eu não gosto de falar de religião, eu não gosto de sei lá, de ficar analisando os outros, eu não gosto de coisas que as pessoas possam ficar debatendo opinião sabe.</p>	CP2
IV	<p>Daí ela continua, “É que eu não tenho o menor interesse nisso. Daí, eu juro, eu não tenho o menor interesse, tipo eu escutei 3 músicas do Caetano eu não gosto, eu tenho vontade de dormir, alias esse é o único comentário que eu faço dele “Eu tipo, tenho vontade de dormir quando eu escuto ele”, e eu não tenho o menor interesse de sentar aqui e ficar falando de política, do governo Lula. Eu não gosto de falar nem em quem eu voto sabe, porque eu não gosto, eu não gosto de falar de religião,</p>	<ul style="list-style-type: none"> • eu perguntei alguma coisa do tipo o que você quer falar. Porque ela tá falando que gostaria de falar alguns assuntos e aí ela fala que não gostaria, enfim como é que é isso? Eu acho que aí eu devo ter retomado um pouco no final, qual é a sua? 	<p>“e qual a consequência disso Carol? De você não participar, de você não contribuir, de você não se interessar em participar disso?”</p>	<p>C: Fico de fora, não converso. Mas também sabe, agora pensando não sei se é uma coisa que é ruim né</p>	CF1

eu não gosto de sei lá, de ficar analisando os outros, eu não gosto de coisas que as pessoas possam ficar debatendo opinião sabe. E até porque eu sou muito influenciável, se eu sentar aqui e você começar a falar pra mim que o Caetano é legal, eu saio lá e falo “Nossa, Caetano eu adoro”, daí sabe, eu acho que eu devo ser meio fechada por isso também sabe, eu sei que as pessoas sempre acabam me convencendo. Mas eu num... num.. eu não gosto de dar minha opinião, tipo, eu não contribuo pra nada, eu sei lá, tô lá só pra ser bobo da corte.

V C: “é, então, é isso que eu não sei, se a piada me acrescenta ou se... é eu não pensei nisso ainda”

T: ai você fala assim, “Vamo pensar nisso então. Porque acho que agora tá ficando mais claro pra mim, né. Acho que foi legal você ter pensado essa semana”. Ai o que você continua falando?

e ai você acha que tá se esquivando de que assim?

Vamo pensar nisso então. Porque acho que agora tá ficando mais claro pra mim, né. Acho que foi legal você ter pensado essa semana, acho que, “parece que tá mais palpável agora, não sei se você sente isso também. E agora eu tô com a impressão de que, não é nem o assunto sério, é mais a forma com que você, prefere conversar. Você tá com essa impressão também?”

C: Tô.

Terapeuta continua pedindo pra cliente observar seu comportamento até a próxima sessão.

Cliente diz nunca ter parado pra pensar.

NC

VI	<p>Ai ela conta esse fato com o Rodrigo, ela brigou com ele, ele se afastou dela, ele nunca mais ligou e ela nunca mais ligou. E ela ficou pensando por quê ela afasta assim as pessoas.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Por quê ela afasta assim as pessoas. O que que aconteceu? Como ela se sentiu nessa situação? O que que tinha de difícil aí? 	<p>“O que você percebeu esse fim de semana? Aconteceu alguma coisa que te fez pensar nisso? Como é que foi?”</p>	<p>C: Então, é porque não sei, toda vez que tem um menino assim que eu fico a fim e que eu não fico, na hora eu não quero ficar, sai fora eu não quero, não quero. Só que aí eu fico muito arrependida sabe, e eu não entendo por quê que... que eu afasto, que eu fico sei lá, meio descontrolada assim tipo, e ninguém entende por quê tipo, porque sei lá sabe.</p>	CP1,2
VII	<p>C: “O menino” T: “Bom, o menino da Bahia” (e vocês 2 dão risada). T: “É... como é que, pensando né, pegando essa situação dos meninos, mas vamos ampliar um pouco”. Você continua.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • eu retomei a coisa dos outros relacionamentos que ela tinha, dela falar do Fábio, de como ela fugiu do Rodrigo, tipo, vamos olhar pro que tá acontecendo com as outras coisas, o que você tá se sentindo nessas situações, por quê você tá se esquivando disso? 	<p>“Como é você quando você conhece uma pessoa normal, qualquer pessoa?”</p>	<p>C: Eu acho que eu fico meio acuada?</p>	NC
VIII	<p>T: “Tenta lembrar de um exemplo, você lembra de alguma coisa assim?”. ai ela fala “Tipo quando eu conheci o Rodrigo”</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Eu acho que eu perguntei como é que foi quando você conheceu o Rodrigo. 	<p>“Como é que foi?”.</p>	<p>C: Tipo, eu não conseguia olhar na cara dele tipo, ele falava comigo eu cortava ele. E ai eu ficava rezando pra “Pelo amor de Deus, vai embora”.</p>	CP1
IX	<p>C: “Tipo, eu não conseguia olhar na cara dele tipo, ele falava comigo eu cortava ele. E ai eu ficava rezando pra “Pelo amor de Deus, vai embora”.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • O que ia acontecer se ele fosse embora? Como é que você tava se sentindo? 	<p>“O que que tá acontecendo com você nessa situação? Quando você tá conversando com a pessoa, o que que você tá sentindo?”</p>	<p>C: Vontade da pessoa sair de perto de mim, tipo. Não sei tipo discriminar o sentimento que eu tenho.</p>	CP1,2

X	<p>C: "Vontade da pessoa sair de perto de mim. Não sei discriminar o sentimento que eu tenho".</p> <p>Ai vocês falam meio juntos, T: "Não imagina, já tá ótimo", "Vontade que ela sai de perto</p>	<ul style="list-style-type: none"> • O que vai acontecer se ele sair de perto? Por que você quer que ele sai de perto? Como é que você vai ficar se ele sair? 	<p>"O que vai mudar se ela sair de perto?"</p>	<p>C: Eu vou parar de me sentir incomodada.</p>	CP1
XI	<p>ela te responde "eu vou parar de me sentir incomodada"</p>	<ul style="list-style-type: none"> • O que te incomoda? 	<p>"Tá. O que que tá te incomodando? O que costuma te incomodar nessa situação?"</p>	<p>C: Acho que a presença de uma pessoa que eu não conheço muito. Mas não sei por quê</p>	CP2
XII	<p>T: "Então você queria que ele"</p> <p>ai ela começa a falar e te interrompe</p> <p>C: "Que ele saísse de perto, ele me incomodava. Tanto que uma vez a gente ia sair pra ficar sabe, e a gente foi cinema, e ele ficava tipo assim... "também me incomodava muito"</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Ai eu lembro de ter perguntado pra ela como é que foi com o Beto. • Então eu devo ter perguntado alguma coisa pra ela nesse sentido, de tá, começou desse jeito, mas como é você acostumou? Como é você ficou depois com ele? Alguma coisa nesse sentido. Tipo você começou querendo não ficar perto dele, como é evoluiu pra um namora isso? 	<p>"E quando você conhece um amigo novo, uma amiga nova. Como é que é?"</p>	<p>C: (pausa 3") Ai eu, eu fico meio acuada assim. Tem, tem umas situações que eu não fico sabe, eu fico mais normal assim, mas não sei por que assim, mas tem algumas pessoas que eu fico muito acuada assim, eu tinha falado que era porque elas eram mais descoladas do que eu, mas pensando.</p>	NC
XIII	<p>T: "Tem aquela situação do elevador".</p> <p>C: "Mas pensando agora, não sei se é isso assim, se é porque elas são mais descoladas, num sei. No Jurídicos eu conheci muitas lá, muitas descoladas, e muitas eu não fiquei acuada, mas não sei".</p>	<p>Como é que são as pessoas que deixam ela se sentindo mais acuadas?</p>	<p>Isso é mais com meninos? com meninas? Ou com os dois"</p>	<p>C: É mais com menino. Muito mais com menino, menino geralmente é muito difícil eu conversar, eu sou muito bicho do mato, tipo, eu, e isso tipo sei lá, desde de pequena, sabe?</p>	CF1

Tabela 05: Comparação entre as respostas do comportamento do terapeutas relatado com o comportamento observado – passado – na entrevista 3.

Identificação da ocorrência	Resposta do terapeuta		Resposta do Cliente	Classificação do relato quanto à correspondência	
	Situação Antecedente	Relatado			Observado
I	C: É, eu deleguei mas, (ai você dá uma risadinha). Não eu deleguei, mas tipo assim, eu comecei a falar com as pessoas, ai eu perguntei Qual o meu reforçador?, tipo, e ninguém sabia, Ah, sei lá. E ai eu falei Ah, a Milena tem a bateria, a Thaís tem o Carlão, ai ficava todo mundo me olhando, Não é o meu reforçador, mas é lógico que é sabe, acho que falaram só pra, coitada, vamos fingir que não temos também. Daí aconteceu a tempestade/	<ul style="list-style-type: none"> eu acho que eu perguntei o que ela tava querendo dizer com isso. 	<p>you falou <u>"como foi"</u> junto com ela.</p>	C: vou ficar sem fazer algumas coisas pra ver tipo, sabe, si, se me reforçam. Tipo se eu sinto falta, se eu percebo que é um reforço? Daí eu fiquei um dia sem ver televisão, e sem entrar na Internet,	CF
II	C: "Não fez diferença. Ai eu fiquei um dia sem estudar, achei ótimo! (ai você dá risada) Ai eu fiquei a semana inteira sem falar com ninguém, tipo com ninguém, só da minha casa assim, ai também não foi muito reforçador. Ai não sei"	<ul style="list-style-type: none"> Bom, eu perguntaria o que que, o que mais ela poderia procurar, ou que outras coisas ela poderia fazer. 	e daí você fala junto com ela de novo: "Você sentiu falta de falar com as pessoas?"	C: Não. Dai eu, tipo, eu lembro que eu tinha falado pra você, eu acho mó ruim meus pais, não perguntarem da minha vida, num sei que, daí eu comecei, sentei com minha mãe um dia e conversei pra caramba, liguei pro meu pai, conversei também, também não.	NC
III	C: "É, e ai..."	<ul style="list-style-type: none"> Eu devo ter explicado pra ela como acontece essa coisa de contingência assim, 	ai você fala junto com ela de novo "Pode ser que elas não estejam sabendo disso".	Daí ela te corta e entra "É, eu percebi isso que sexta-feira passada a gente foi	NC

		que ela, eu lembro de ter explicado um pouco pra ela que ela, que tinha que ser contingente ao comportamento, que não adianta ela fazer muito tempo depois, porque se não ela ia, ela ia sofrer com isso e ela não ia...		<u>fazer trabalho</u> ”, e ai eu tava super brava com uma menina que nem é minha amiga que tava no grupo sabe, eu tava super irritada com ela. Ai ela não podia ficar porque ela tinha psicóloga, e ai eu fiquei super irritada Paulo, eu comecei a fazer um discurso contra ir no psicólogo, foi muito estranho.	
IV	C: Foi muito estranho. Ai depois a Camila falou pra mim “Por que você tá brava assim? Você tá brava porque ela tá no psicólogo?”, ai eu “Não porque, onde já se viu falar que tem psicólogo e ai não fala, também que saco ter que ficar indo no psicólogo de sexta-feira, que idiota ou sei que”. Sabe, foi... não tinha nada a ver.	<ul style="list-style-type: none"> • eu acho que foi nessa hora que eu perguntei pra ela “Mas você também não vem no psicólogo? E como é que fica isso?” 	ai você falou junto com ela de novo, você falou: “Não fazia o menor sentido...”.	Ai ela falou junto com você de novo: “É não fazia o menor sentido, daí todo mundo gritando assim pra mim “Mas por que você tá brigando por isso? Deixa a menina ir né!”. E tipo só que não era por isso sabe, e ai a Ju falou pra mim “Ai as vezes você fica brava, mas ninguém entende por que você fica brava”, daí eu acho que as pessoas, eu não sei sabe.	CF1
V	daí ela fala junto com você né? “É não fazia o menor sentido, daí todo mundo gritando assim pra mim “Mas por que você tá brigando por isso? Deixa a menina ir né!”. E tipo só que não era por isso sabe, e ai a Ju falou pra mim Ai as vezes você fica brava, mas ninguém entende por que você fica brava, daí eu acho que as pessoas”.	<ul style="list-style-type: none"> • ai eu comecei a discutir com ela em algum ponto por quê que ela tinha brigado tanto com a menina sobre ela vir por psicólogo, se ela vinha e ela dizia que gostava de vir? Que não fazia sentido. 	nessa hora que ela fala assim: “daí eu acho que as pessoas”; e você falou junto com ela de novo “Faz sentido isso”.	E ai ela continua frase: E daí sabe, agora eu acho que, como eu tô, não me importando, trabalhando pra falar, pra falar mais as coisas que eu acho, que eu tô sentindo assim sabe, eu acho que eu tô... não sei se eu tô falando mesmo, por exemplo na minha casa eu consegui falar uma coisa que me incomodada muito sabe?	CP1

VI	<p>C: “E dai sabe, agora eu acho que, como eu tô, não me importando, trabalhando pra falar, pra falar mais as coisas que eu acho, que eu tô sentindo assim sabe, eu acho que eu tô... não sei se eu tô falando mesmo, por exemplo na minha casa eu consegui falar uma coisa que me incomodada muito sabe. e á coisa que eu não sei, eu tô falando coisas pras pessoas. Ontem eu tava, eu tô, eu não consigo ficar criticando irmão, meus pais, professores, assim pras pessoas sabe? Que ah, eu não sei por quê, eu não consigo sabe, ficar falando assim, metendo a boca no que aconteceu em casa. E acho que agora eu tô com mais facilidade sabe, ai ontem, eu fiquei falando pra mim Nossa eu fiquei mó noiada, eu fiquei mo perturbada, eu fiquei contando.</p>	<p>Eu acho que eu perguntei o que ela tinha feito, o que ela tinha dito.</p>	<p> você falou junto com ela de novo “Eu acho que é uma boa observação, bem interessante sua Carol. De você se observar enquanto você faz isso né, e eu vejo que você tá se observando bastante, ajuda mesmo”. “Ajuda até você modular um pouco isso, acho que é melhor até do que falar o que você tá sentindo, sabe, ir contra as coisas que te fazem mal, concordo com você. E acho que esse é um questionamento legal, de você se colocar no lugar do outro, e ver o quanto você tá brava, o quanto você é entendida quando você manifesta esse tipo de coisa, né? E sempre questionar o quanto isso tá sendo eficaz, eu acho que é por ai mesmo”</p>	<p>C: É então... é por ai... Tipo! Eu não esperava sabe, chegar aonde eu tô de vez enquanto conseguir sabe falar alguma coisa. Eu tô achando muito legal, e ai agora, as vezes quando eu quero engolir, não quero não; eu quero falar alguma coisa e ai eu não consigo, eu fico pensando: Nossa eu podia falar, e ai ia ser super melhor, coisa que eu nunca pensava sabe. Eu sempre pensava: Não, não vou falar, por num sei que... e, i, não sei sabe, acho...</p>	<p>NC</p>
VII	<p>C: “É, e agora que eu não quero mais ser séria, eu tô super séria!”, você fala “Como assim?”; ela fala “Não que eu tô conseguindo me levar a sério sabe”</p>	<p>Eu acho que eu pedi pra ela falar mais um pouco, eu acho que eu entrei com um como assim de novo.</p>	<p> você fala junto com ela de novo quando ela tá falando isso “Não que eu tô conseguindo me levar a sério sabe”, você fala “Me conta isso direito”.</p>		<p>CF2</p>
VIII	<p>C: “Virar e falar não chega de fazer piada sabe? lii... e ai, é porque eu tenho um problema muito grande, mesmo quando eu falo sério as pessoas riem. Paulo, segunda-feira conversando com meu irmão no ônibus, eu tava tão séria sabe, falando de um documentário,</p>	<p>Eu acho que eu valorizei isso, devo ter elogiado de alguma forma.</p>	<p>Quando ela falou assim “eu to entrando em assuntos”; você falou junto com ela “Nossa!”</p>	<p>Ai você parou que ela continuou falando, “<u>Que não me interessam muito, sabe</u>”.</p>	<p>CF2</p>

que eu tava preocupada com a minha saúde e aí a gente começou a rir absurdamente, aí a Adriana começou a rir absurdamente também sabe. Não foi uma coisa que me deixou perturbada como antigamente tava me deixando, antes eu ficava Eu tô falando sério, num sei que”, aí eu dei risada junto assim também sabe. Eu acho que eu tô conseguindo meio que dosar sabe, eu acho pelo fato de não tar tão... ah sei lá. Meu pai disse que eu tô um pouco mais séria sabe, e agora na aula sabe, tipo, eu tô falando sério sabe, e agora, tipo me colocando e ficar falando só besteira, tô entrando em assuntos.

IX

C: “Não, tipo, continua assim. A gente sempre fala ah sei lá mês que vem a gente faria 4 anos, que legal, a gente sempre se fala nesse dia, e ano passado foi uma coisa que incomodou ele eu sair com o Fábio, sair um dia assim, ele me chamou pra assistir o jogo da copa com ele. E aí eu tinha falado pra ele, Beto se você for namorar só num, se for pedir ela em namoro qualquer coisa, só não pede perto do nosso dia. Aí ele vai lá e pede 15 dias antes, e resolve namorar com ela, daí eu fiquei mó brava assim, daí eu fiquei mó, como me sentindo substituída com se agora a gente, e o aniversário dele é dia 5, é 15 dias antes do nosso dia, 10 dias. Aí a gente

Acho que eu pedi pra ela falar mais um pouco, ou eu perguntei “E aí, como é?”.

você perguntou assim “Como assim pra trás?”; mas você falou isso junto com ela de novo. Na hora que ela assim “e aí, e agora, assim”, daí você fala junto com ela “Como assim pra trás?”.

C: Tipo invés de 10 dias antes, depois, é tipo em vez do nosso dia ser 10 depois do aniversário dele, agora é 10 antes

CF1

	comemorava tudo junto, dia dos namorados, aniversário dele; e ai agora é a mesma coisa com ele, só que pré trás não pra frente e ai agora assim”.				
X	C: “tipo invés de 10 dias antes, depois, é tipo em vez do nosso dia ser 10 depois do aniversário dele, agora é 10 antes”.	Eu acho que eu pedi pra ela continuar falando, falei um “Ah tá”, e continuei perguntando como tinha sido a história do Beto.	Ai quando ela fala assim “agora é 10 dias antes”, você fala junto com ela “Ah entendi, agora tá”. Ai você continua “Então comemora o dia deles e o aniversário”.	C: e ai sabe, ele fez tudo igual. E ai eu fiquei mó brava assim, ano passado eu não sai com o Fábio mó em consideração a ele, e ai ele vai lá e pede a menina em namoro. Ele teve um ano pra pedir ela em namoro, ai pede na nossa data, parece que pra me substituir: Agora nosso dia já não é mais importante, porque a 15 dias atrás eu já comemorei com ela. E tipo, e ai, ai eu fiquei super chateada, fiquei super triste e tipo, cortei relações com ele, agora não vou mais conversar com ele e fiquei super triste.	CP2
XI	C: “Ele... é porque, tipo a gente sempre foi super amigo sabe, e ele tava distante sabe, daí ele sai com ela todo fim de semana, e ai ele... ai sei lá, em vez de ligar pra mim ele liga pra ela sabe, quando ele ia mandar mensagem pra mim ele manda pra ela, não manda mais pra mim. Tipo, então ultimamente a gente tava se falando por Internet assim e um assunto sei lá, superficial tipo Ah oi tudo bem?, Tudo e você?, Tudo. E ai o que você conta?, Nada. E você?, Ah, nada. Era assim nossas conversas ultimamente, e ai por ele eu acho que a gente ia continuar nessa, esses dias ele falou pra mim Ah a gente tá mó distante, mó não sei que, ai eu falei Ah Beto, normal. E eu	Eu acho que eu devo ter perguntado alguma coisa sobre esse afastamento, e me explica o que você tá querendo dizer com isso.	você fala junto com ela nessa hora, de novo “Ah, então partiu de você isso?”.	C; É! Terapeuta pergunta como é que ela queria que fosse.	NC

tento ser mó compreensiva com ele, eu tento não brigar, não falar nada, sempre tento falar as coisas pra ele como sei lá, se não tivesse sentindo isso que ele sei lá, até então eu achava que ele não tinha culpa. Ele tava gostando de outra, tudo bem, eu que terminei com ele, tipo já comecei a gostar de outro depois dele, então... pra mim, tava meio que querendo mostrar pra ele que pra mim tanto faz, além de tudo eu ter que ficar dando chique com ele. E daí tipo, só que depois dessa história sabe, e aí ele falou que a gente tava super distante, não sei que, mas que ele gostava muito de mim, mas aí depois dessa história do namoro eu falei Ah não quero mais ficar com você, eu quero afastar, e num sei que, e

XII

C: “Ah porque não sei sabe, eu fico me sentindo maior lixo sabe? Eu fui a namorada ruim e ela foi a namorada do século sabe, super legal. E aí, e aí eu acho que a gente perdeu essa amizade, eu acho que ele perdeu essa consideração por mim”.

T: “Talvez ele tenha perdido essa coisa de deus no céu e Carolina na terra, mas não sei se a gente pode dizer alguma coisa sobre amizade né Carol?”; aí ela fala “Mas eu não sei se eu gostei de ter perdido Deus no céu e

- eu comecei a investigar um pouco o porquê que isso é importante, alguma coisa nesse sentido.

- se isso era um tipo de pessoa que ela queria, porque ela sempre dizia que queria pessoas independentes, pessoas autônomas, aquela coisa.

- mas esse é um tipo de pessoa autônoma ou dependente? Eu acho que eu não perguntei isso, eu devo ter perguntado mais

ai você fala junto com ela de novo “porque que você acha que pode acontecer isso?”;

C: eu num sei, eu não me lembro disso agora sabe. Porque ele ficou 6 meses chorando, emagreceu 6 quilos, cortou os pulsos e bateu na mãe e seguiu com a vida. E eu não!

CP1

	<p>Carolina na terra. Tipo sabe, e se nunca mais tiver ninguém assim que não tiver Carolina na terra, ai sabe”.</p>	<p>sobre isso, alguma coisa assim.</p>			
XIII	<p>C: “Não... não, eu penso, eu juro que eu penso. Eu faço um esforço muito grande, mas eu penso, eu penso, eu penso nisso. Só que não sei sabe, me bate uma angustiada que eu fico, eu sei que é mó escroto eu querer que ele goste de mim pra sempre, e que eu seja a deusa dele pra sempre sabe. Eu tenho muita plena consciência, só que, ai sabe me dá um negócio. Paulo segunda-feira me deu um negócio sabe, eu chorei tipo, até as 3 da manhã, e eu não sou de chorar, ou de, eu ia falar não ou de grandes dramas, mas ai eu não vou falar isso. Mas ai tipo, não sou de ficar chorando e me lamentando, de ficar chorando ai, ele não gosta de mim, ficar o dia inteiro na cama e não conseguir dormir. Não sou assim normalmente sabe, o que acontece foi uma coisa bem grande pra mudar isso, pra acontecer isso. E ai eu fiquei chorando sabe, fiquei me sentindo mó idiota sabe? Daí eu virei e falei Não vou tocar nem nesse assunto com o Paulo, não vou falar disso com ninguém...”.</p>	<p>Eu acho que eu valorizei o fato dela ter falado isso pra mim.</p> <p>Eu lembro de ter perguntado alguma coisa sobre o sentimento, o que ela tinha sentido, por que ela tava chorando</p>	<p>você fala junto com ela de novo “Qual disso né?”</p>	<p>C: É, não tem nada a ver isso, eu to viajando... Só que ai sabe, ai tem umas horas que eu para e penso: Nossa nada ver você ficar triste sua idiota, nada a ver isso, fica feliz pelo menino. Porque era uma angustia muito grande quando ele gostava de mim, era muito ruim sabe? Tipo eu chorava de angustia, de desespero do menino não me esquecer sabe. E ai que agora ele esquece, segue em frente, eu fico “Ai, mas queria que ele gostasse de mim pra sempre, eu não vou saber...”, não faz o menor sentido, né?</p>	NC

Tabela 06: Comparação entre as respostas do cliente na entrevista (2) com a pesquisadora, com o comportamento futuro observado nas sessões seguintes (10^a, 11^a, 12^a, 13^a, 14^a e 15).

Identificação da ocorrência	Situação Antecedente	Resposta do terapeuta	Situação Antecedente	Resposta do terapeuta	Classificação do relato quanto à correspondência
		Relatado (futuro)		Observado (futuro)	
I	C: “não sei, é meio egoísta só falar do que eu quero, do que eu quero”. Ai você pergunta pra ela, “você acha que é?” Ai ela fala “acho”	<p>“Então, o que eu ia te perguntar é assim, parece que você conversa muito das coisas que você se interessa e que você entende?”.</p> <p>“O quanto desse mundo, o quanto desse mundo você já entrou em contato sabe, que você já ouviu as coisas que te... enfim, ou ler sobre revolucionismo, ou... são coisas que te interessa?”</p>	C: É. É e eu sinto que na minha vida, tipo, tem um monte de coisa sabe tipo, mal resolvido, que eu falo tipo, sei lá, pro Fábio que eu não falo as coisa, mas eu ficava esperando que ele falasse, que ele fizesse e ai eu sempre ficava nessa situação, essa sensação de que tava super mal resolvida, <u>sabe?</u> E ai, eu acho eu acho que vai ser bom eu falar, porque... tipo, eu me sinto mal, eu me senti muito mal na hora que eu fui falar pra ela, sabe? Depois também eu fiquei me sentindo mó mal, sabe? Eu pensei em falar “Desculpa, esquece tudo que eu falei”. Mas	T: Eu tô pensando inclusive no que tem acontecido aqui na terapia Carol, porque de uns tempos pra cá, acho que mais a partir da ultima sessão pra hoje, você tem falado uma série de coisas muito pessoais tuas, né? Parece que você tem observado muito o teu comportamento, muito... você tem se observado demais, fora daqui, e eu tenho visto que você tá muito mais aberta, e disposta a falar de coisas que são difíceis pra você. Eu acho que isso é bem o reflexo que você tá me contando, você tem falado mais coisas pras pessoas, você tem falado muito mais coisas aqui e olhado muito mais pra essas coisas que te incomodam. E eu acho que por mais difícil que seja, você começar a perceber um monte de coisa a teu respeito, começar... a ter mais clareza d como é que você funciona. Eu acho que é legal você... continuar nesse... nesse ritmo, porque de alguma forma a gente tá começando a resolver as coisas, começando a identificar o que que tá acontecendo, o que que... começando a perceber aonde é que você vai ter que mexer. Então eu. Imagino que não deve tá muito fácil, nem falar fora, nem fala aqui, nem	CF2

pensar nisso, nem olhar pra essas coisas, mas eu, eu vejo isso como primeiro passo pra você resolver isso tudo. De não ser mais rancorosa, de não ter mais a ferida que as pessoas vão enfiar o dedo, pra limpar tudo mesmo.

V C: “é, então, é isso que eu não sei, se a piada me acrescenta ou se... é eu não pensei nisso ainda”

T: “Vamo pensar nisso então. Porque acho que agora tá ficando mais claro pra mim, né. Acho que foi legal você ter pensado essa semana”.

Vamo pensar nisso então. Porque acho que agora tá ficando mais claro pra mim, né. Acho que foi legal você ter pensado essa semana, acho que, “parece que tá mais palpável agora, não sei se você sente isso também. E agora eu tô com a impressão de que, não é nem o assunto sério, é mais a forma com que você, prefere conversar. Você tá com essa impressão também?”

C: É, uma situação que me irritava sabe, que eu ficava super lirritada. E ai uma coisa que eu faço muito, que eu ainda faço, é assim ficar engolindo sabe, não falar nada, mas ai chega na hora a pessoa faz qualquer coisinha ai eu estouro. Só que ai como eu não tô estourando por tal, pela coisa que a pessoa fez, sei lá, por uma coisa que a minha mãe fez pro meu irmão há 1 ano atrás, daí tipo, fica meio sem sentido eu ficar brava, ficar brigando. Eu acho que as pessoas não conseguem discriminar porque eu tô brava sabe, tipo, porque que eu tô dando sermão, daí

T: Porque não é exatamente por uma coisa que acabou de acontecer, é por coisa que você já tava guardando...

CF2

C: Não, não é. É porque geralmente, sei lá, eu faço, eu deixo fazer piada a semana inteira da velha que me assaltou no ônibus. Dai chega sei lá, na sexta-feira, eu surto “Para de fazer piada com isso que eu não gosto, num sei que, num sei que”, só que aí na segunda-feira eu volto e falo da mesma velha. Entendeu? Eu não sei se é realmente um problema pra mim fazer graça ou se é a graça o problema, se é tipo fazer graça do assunto.

T: Mas esse limite ela tá claro pra você, até que ponto incomoda, até que ponto ele é engraçado? Por que eu fico muito em dúvida disso as vezes, até que ponto isso é um limite seu mesmo, isso incomoda ou se isso é uma coisa que flutua e você acaba não percebendo onde fica a linha divisória até aqui dá, até aqui não dá mais.

NC

C: Tipo vira pra Bia sabe e fala “Ah não porque eu acho super normal fazer sexo oral num cara, e você não perde sua pureza por isso, e vocês estão erradas em achar o contrário”, eu queria falar “Ah desculpa se é normal pra você sabe, mas pra mim não é normal. e isso que você tem intimidade com um cara que você nem conhece sabe, isso pra mim é coisa de menina que não se dá res., que não se dá valor”, e que eu tenho muita vontade de falar isso pra ela, mas

T: E o que fala na hora?

NC

VII	<p>C: "O menino" T: "Bom, o menino da Bahia" (e vocês 2 dão risada). T: "É... como é que, pensando né, pegando essa situação dos meninos, mas vamos ampliar um pouco". Você continua.</p>	<p>daria mais atenção pro que ela tava falando. Meio que... aquele monte de idéias que ela jogou, eu ficaria mais em cima daquilo.</p>	<p>C: Porque sempre aparece uns caras na minha vida assim que eu olho e "Ah", não tipo sempre, as vezes aparece assim sabe tipo, um cara assim que ai eu falo "Nossa, é o cara que eu queria na minha vida". E daí eu vou lá e não converso, não fico, tipo saio de perto, e evito todo tipo de contato. Ai eu to rezando todo dia na minha vida que se aparecer um cara desse no Clube eu fico, ou se não fica pelo menos não arrepende que, que tipo teoricamente então, o Beto seria a raiz de todos os meus problemas. Isso seria muito bom se ele fosse a raiz de todos os meus problemas, porque a minha vida não tem problemas.</p>	<p>T: Então, vamo ver agora como é que fica isso? Que se o problema era o Beto, o Beto não é mais o problema, o Beto tá encaminhado e tá cuidando da vida dele,</p>	CF1
VIII	<p>C: "Tipo quando eu conheci o Rodrigo"</p>	<p>"Como é que foi?"</p>	<p>C: eu tenho vontade de falar e não falo.</p>	<p>Que coisas você tem vontade de falar e não consegue?</p>	CF1
IX	<p>ela fala assim "Tipo, <u>eu não conseguia olhar na cara dele tipo, ele falava comigo eu cortava ele</u>. E ai eu ficava rezando pra "Pelo amor de Deus, vai embora".</p>	<p>"O que que tá acontecendo com você nessa situação? O O que tá acontecendo com você nesta situação? Quando você tá conversando com a pessoa, o que que você tá sentindo?"</p>	<p>C: Tipo não sei sabe, alguma coisa que me incomoda em alguém e ai eu pegar e falar "Eu odeio quando você faz isso?"</p>	<p>T: O que que cê acha?</p>	CF2

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)